



**HISTORIA – AMÉRICA LATINA**

***“LAS ESTATUAS DE SAL”***  
***LA SOMBRA DE LO QUE FUIMOS*** COMO RECURSO DE MEMÓRIA DA  
EXPERIÊNCIA DITATORIAL CHILENA

**FABIANA SANTOS DA SILVA**

Foz do Iguaçu

2017

**HISTORIA – AMÉRICA LATINA**

***“LAS ESTATUAS DE SAL”***

***LA SOMBRA DE LO QUE FUIMOS* COMO RECURSO DE MEMÓRIA DA  
EXPERIÊNCIA DITATORIAL CHILENA**

**FABIANA SANTOS DA SILVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Santos Ribeiro de Oliveira.

Foz do Iguaçu

2017

**FABIANA SANTOS DA SILVA**

**“LAS ESTATUAS DE SAL”**

*LA SOMBRA DE LO QUE FUIMOS* COMO RECURSO DE MEMÓRIA DA  
EXPERIÊNCIA DITATORIAL CHILENA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Santos Ribeiro de Oliveira  
UNILA

---

Prof. Dr. Antonio Rediver Guizzo  
UNILA

---

Prof. Dr. Pedro Afonso Cristóvão dos Santos  
UNILA

Foz do Iguaçu, 24 de novembro de 2017

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus por conceder-me saúde e disposição para concluir essa etapa.

Aos meus professores que me acompanharam durante a graduação, em especial, aos meus orientadores, Prof. Emerson Pereti e Prof.<sup>a</sup> Mirian Santos Ribeiro de Oliveira, que confiaram no meu trabalho.

À minha família, por entender minhas ausências.

A você leitor, pela generosidade em acolher essas linhas e dar sentido a essa pesquisa.

*Un hombre sabe cuándo llega al fin de su camino; el cuerpo manda avisos, el maravilloso mecanismo que te mantiene inteligente y alerta empieza a fallar, la memoria hace todo lo posible por salvarte y adorna lo que deseas recordar de manera objetiva. Nunca confíes en la memoria, pues siempre está de parte nuestra; adorna lo atroz, dulcifica lo amargo, pone luz donde sólo hubo sombras. La memoria siempre tiende a la ficción.*

*La sombra de lo que fuimos (2009).*

SILVA, Fabiana Santos da. “*Las estatuas de sal*”: *La sombra de lo que fuimos* como recurso de memória da experiência ditatorial chilena. 2017. 85 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História – América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

## RESUMO

No Chile, as memórias dos anos passados sob o jugo da ditadura cívico-militar continuam presentes no campo das narrativas literárias, articulando memória e ficção como uma espécie de trabalho de luto referente a essa traumática experiência. A partir desta premissa, o objetivo geral do trabalho foi analisar como Luis Sepúlveda se utiliza da narrativa literária, expressa em seu romance *La sombra de lo que fuimos*, para atuar no processo de elaboração da memória acerca da ditadura cívico-militar que vigorou no Chile no período de 1973-1990. O problema da pesquisa foi responder de que forma essa obra se coloca no processo de recordação acerca da repressão do terror estatal que vigorou no Chile nesse período e seus impactos. Parte-se da hipótese de que *La sombra de lo que fuimos* pode ser percebido como um recurso auxiliador de elaboração da memória, pois, ao transformar artisticamente as recordações individuais e coletivas em objeto literário, permite-se enfatizar as sensibilidades e os aspectos traumáticos relacionados à última ditadura cívico-militar chilena, abordando as pequenas histórias atravessadas pela experiência ditatorial. Os resultados mostram que o escritor explora os aspectos mnemônicos da emoção ao fazer uso do estilo literário. As recordações, ressentimentos e testemunhos presentes na obra em estudo funcionam como um importante exercício de memória.

**Palavras - chave:** Ditadura. Memória. Literatura.

SILVA, Fabiana Santos da. “*Las estatuas de sal*”: *La sombra de lo que fuimos* como recurso de memória da experiência ditatorial chilena. 2017. 85 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História – América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

### ABSTRACT

In Chile, the memories of the civic-military dictatorship remain present in the field of literary narratives, by the articulation of memory and fiction as a kind of mourning work about this traumatic experience. Taking this into account, the general objective of this work is to analyze how Luis Sepúlveda uses the literary narrative, expressed in *La sombra de lo que fuimos*, to act in the process of constructing the memory about the civic-military dictatorship that existed in Chile in the period of 1973-1990. The problem of this research is to respond in what way *La sombra de lo que fuimos* is placed in the process of recollection about the terror of the state repression that was in force in Chile in this period. It is based on the hypothesis that *La sombra de lo que fuimos* can be perceived as a resource that facilitates the elaboration of memory, because, by artistically transforming individual and collective memories into a literary object, it is possible to emphasize the sensitivities and the traumatic aspects related to the last Chilean military-military dictatorship, addressing the small histories crossed by the dictatorial experience. The results show that the writer explores the mnemonic aspects of emotion by making use of the literary style. The memories, resentments and testimonies present in this novel works as an important exercise of memory.

**Key words:** Dictatorship. Literature. Memory.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO I.....	12
HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DITATORIAL CHILENA.....	12
1. História e literatura: algumas reflexões.....	12
2. A literatura no âmbito de estudo da História Cultural .....	16
3. “Bonecos soluçantes”: a ditadura cívico-militar chilena do período de 1973-1990 .....	17
4. A Doutrina do Choque: o Chile como laboratório neoliberal .....	21
5. “A restauração democrática”.....	22
6. Algumas iniciativas de registro da memória ditatorial chilena .....	24
7. “ <i>Una sociedad conmocionada</i> ”: o impacto da ditadura sobre a literatura no Chile .....	26
CAPÍTULO II .....	31
AS ESTÁTUAS NÃO SE MOVEM, MAS SUAS SOMBRAS SIM: UM OLHAR SOBRE A OBRA <i>LA SOMBRA DE LO QUE FUIMOS</i> .....	31
1. Sobre o autor Luis Sepúlveda e sua militância política .....	31
2. <i>La sombra de lo que fuimos</i> : enredo .....	32
3. Tornar a passar pelo coração. Recordar .....	37
4. Os estabilizadores da recordação e suas funções na literatura de Sepúlveda.....	40
5. A experiência do exílio e suas implicações.....	47
6. O difícil retorno.....	50
7. O país de Peter Pan é o país da imaginação .....	53
8. Veracidade e ficcionalidade .....	56
9. <i>La sombra de lo que fuimos</i> : um recurso de memória .....	64
10.“ <i>Las estatuas de sal</i> ” .....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS .....	78

## INTRODUÇÃO

As ditaduras estão entre os assuntos mais importantes de estudo sobre as dinâmicas de poder totalitário na América Latina. Ao longo de sua história, a região sofreu com vários atos de autoritarismo e violência institucional, liderados por personagens políticos que personificaram o poder e a opressão estatal. As cicatrizes ficaram e as lembranças também. Estas ainda mexem com os sentimentos, não só dos que viveram de perto esses momentos tão perturbadores da história política da região, mas também daqueles que herdaram o presente imposto por esses regimes. Acerca dessas lembranças, no âmbito deste trabalho, interessa-nos aquelas capazes de vir à tona por meio das obras literárias, pois, por meio da relação entre estética e política, muitos escritores utilizaram os recursos da literatura para abordar as atrocidades e mazelas sociais decorrentes do autoritarismo de Estado.

A repressão política foi causa de um incontável número de atentados, exílios, perseguições, desaparecimentos de pessoas, assassinatos e tantas outras atrocidades. Na segunda metade do século XX, foi o caso, entre outras, das ditaduras no Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil e Bolívia, além, é claro, do conjunto articulado de repressão, perseguição e desaparecimento que ficou conhecido como Operação Condor. No Chile, a ditadura cívico-militar teve início em 11 de setembro de 1973. Foi resultado da ação promovida pelas Forças Armadas que bombardearam o *Palacio de La Moneda* e depuseram o primeiro presidente socialista eleito nas Américas, Salvador Allende. Diante do intenso bombardeio, ciente de que a proposta construída a partir da Unidade Popular estava sendo destruída pelas mesmas forças que há tanto mantiveram as estruturas de poder na região, Allende se suicidou junto com seu amigo e jornalista Augusto Olivares. Por muitos anos, não se descartou a possibilidade de eles terem sido assassinados. A ditadura instaurada por Augusto Pinochet colocou em curso uma dura perseguição aos opositores e militantes de grupos de esquerda, resultando em uma onda de violação aos Direitos Humanos, marcante na história do país. Foram inúmeros os casos de prisões arbitrárias de políticos, estudantes e líderes sindicais; sequestros; torturas; censura e controle dos meios de comunicação; exílios; desaparecimento de pessoas; assassinatos; além de muitos outros crimes que até hoje não foram elucidados. Oficialmente, esse período só chegou ao fim em 11 de março de 1990, quando o país participou de um plebiscito nacional, requerendo o fim da ditadura e a realização de eleições.

Explorando esse momento histórico e suas reverberações no presente, este trabalho está delimitado em torno do seguinte tema: “A elaboração da memória do período ditatorial chileno a partir da obra *La sombra de lo que fuimos*, do escritor Luis Sepúlveda”. O motivo para a delimitação desse tema de pesquisa provém da constatação de que tal experiência histórica continua a influenciar uma enorme produção literária que, por meio de diferentes abordagens, rememora e reavalia continuamente o trauma causado pelo regime genocida de Augusto Pinochet sobre a coletividade chilena. Acreditamos que essas obras literárias indicam que a literatura também pode atuar no processo de elaboração da memória acerca do período ditatorial chileno. A fonte selecionada para esse estudo é a própria obra literária *La sombra de lo que fuimos*. Trata-se de uma publicação do ano de 2009 que rendeu a Luis Sepúlveda o *Premio Primavera de Novela 2009* da *Espasa y Ámbito Cultural*. Sinteticamente, narra o reencontro de um grupo de ex-militantes de esquerda, trinta e cinco anos depois de terem sido dispersos e exilados pela repressão policial do regime ditatorial instaurado no país.

O problema desta pesquisa é responder de que forma *La sombra de lo que fuimos* se coloca no processo de recordação acerca da repressão estatal que vigorou no Chile no período de 1973 a 1990. Esse trabalho partirá da seguinte hipótese: o texto em estudo se apresenta como um recurso auxiliador para elaboração da memória, transformando artisticamente as recordações individuais e coletivas em objeto literário, enfatizando as sensibilidades e os aspectos traumáticos relacionados à última ditadura cívico-militar chilena, e abordando as pequenas histórias atravessadas pela experiência ditatorial.

A partir dessas questões, se estabelece o objetivo geral deste trabalho, que é analisar um processo literário de elaboração da memória acerca da ditadura cívico-militar chilena. De forma mais específica, seguem-se os objetivos de:

- a) Analisar o impacto da ditadura sobre a literatura chilena;
- b) Problematizar a literatura como recurso auxiliador da memória;
- c) Contextualizar a experiência ditatorial chilena presente na obra *La sombra de lo que fuimos*;
- d) Refletir sobre como essa obra literária se insere no que aqui será pensado como recurso auxiliador da memória.

No tocante às justificativas para a realização desta pesquisa, elas podem ser classificadas em termos de relevância acadêmica e social. Em relação à primeira, essa será atendida ao se trabalhar a interdisciplinaridade, já que *La sombra de lo que fuimos* permite

uma abordagem intermedial entre história, memória e literatura. Em história, a abordagem interdisciplinar foi uma conquista dos movimentos de renovação da historiografia, sobretudo a partir da Escola de *Annales*, em 1929. Desde a década de 1970, a História Cultural tem aprimorado uma acentuada sensibilidade à reflexão em torno de aspectos relacionados à memória, representação, imaginário e identidade cultural. Para tanto, frequentemente se recorre à prática interdisciplinar com a antropologia, sociologia, etnologia, ciências sociais, geografia, economia, entre outras disciplinas. No caso deste trabalho, com a literatura. Ainda há muito que se fazer no sentido de reforçar a viabilidade de enxergar na literatura uma fonte para os estudos historiográficos, já que ela também pode revelar memórias do passado latino-americano marcado, sobretudo, pelo autoritarismo de Estado. Promover o diálogo da história com outros campos do saber pode proporcionar elementos adicionais para se compreender uma dada realidade.

Em relação à relevância social, esta pesquisa procura atender à necessidade de se refletir, não tanto a respeito dos regimes ditatoriais em si, porém mais sobre as suas marcas invisíveis no presente. Algumas são mais perceptíveis, principalmente, em termos de manutenção das desigualdades sociais, corrupção, controle midiático, instabilidade do regime democrático, criminalização de movimentos sociais, desmobilização das organizações de trabalhadores, redução dos direitos trabalhistas, desmonte da educação pública de qualidade e repressão policial. Outras marcas são menos evidentes, porém não menos importantes em termos de emoções: traumas, ressentimentos, tristeza e desorientação.

Em termos metodológicos, esse trabalho se caracteriza como uma pesquisa de caráter exploratório acerca da relação entre história, memória e literatura. Já em termos de análise, a proposta é recortar passagens do romance *La sombra de lo que fuimos* e avaliar como elas nos auxiliam a pensar as reverberações invisíveis da ditadura chilena, manifestadas no presente chileno através das memórias. A seleção dessa fonte se deu por atender critérios previamente estabelecidos, sendo eles:

- a) A narrativa deve ser de autoria de escritores chilenos que tenham vivenciado o período ditatorial. A escolha desse critério é importante para verificar como se dá o processo de lembrança em relação ao período e como ele se manifesta no presente por meio da literatura.
- b) Ser uma obra recente. Passadas quase três décadas do término do período ditatorial, a importância desse critério é de verificar de que forma as lembranças relacionadas à obscuridade daquele regime político continuam presentes nas narrativas literárias mais

recentes. É importante saber por quais estratégias se acessam tais reminiscências, mesmo após tantos anos da restauração democrática.

c) A narrativa deve contemplar elementos relacionados à questão da última ditadura cívico-militar chilena. Uma vez que o trabalho analisará a relação entre as narrativas literárias chilenas e o seu auxílio na elaboração da memória, é essencial que a obra analisada forneça referências a esse período ou a suas consequências. Trata-se, assim, de analisar como a obra se posiciona em relação ao tema e como opera em termos de memória.

O trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro aborda a relação entre história e literatura, mostrando como as narrativas literárias se inserem no campo de estudo da História Cultural, além de discorrer sobre aspectos da experiência ditatorial chilena e seus impactos sobre a literatura. O segundo capítulo apresenta uma análise mais aprofundada de *La sombra de lo que fuimos*, mostrando como essa obra auxilia na elaboração de uma memória comocionada daquele período. Por fim, vale acrescentar que a história cultural também está interessada naquilo que comociona o indivíduo em seu tempo. Foi através dela que a relação entre história e literatura se firmou como campo de investigação dentro da historiografia, e é por meio desse caminho que esse trabalho se propõe a pensar a relação entre literatura e memória.

## CAPÍTULO I

### HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DITATORIAL CHILENA

A relação entre história e literatura suscita importantes questões, tais como, o porquê de se estudar uma narrativa literária ou se a literatura pode ser ou não uma fonte de pesquisa historiográfica. Essas e outras questões serão trabalhadas neste capítulo, não com o intuito de dar uma resposta, mas de provocar reflexões sobre o tema. Tais reflexões serão respaldadas pela perspectiva de autores que já pensaram e escreveram a respeito. Em seguida, se discorrerá sobre a enorme influência da ditadura sobre a literatura chilena, mesmo após a restauração democrática que se sucedeu a partir da década de 1990.

#### 1. História e literatura: algumas reflexões

Segundo a historiadora Sandra Pesavento (2005), um dos precursores de uma reflexão mais aprofundada a respeito das aproximações entre as narrativas literária e histórica foi o filósofo Paul Ricoeur, na década de 1950. Na década seguinte, foi a vez do filósofo Roland Barthes se indagar sobre a diferença entre a narrativa histórica e ficcional, chegando à conclusão de que a distância entre elas era muito sutil. Na década de 1970, a discussão a respeito da relação entre história e literatura teve continuidade com os autores Paul Veyne, Hayden White e Michel de Certeau. Na década de 1980, destacam-se novamente os trabalhos de Paul Ricoeur, dando ainda mais intensidade ao estudo da relação entre história e literatura. Após tantas décadas de estudo, já era possível chegar a alguns pontos fundamentais. Um deles, é que tanto a história como a literatura fazem uso da narrativa, o que suscitou questionamentos acerca dos elementos que as diferenciam uma da outra – se é que havia. O fato é que pode haver narrativas difíceis de distinguir entre história e literatura. Afinal, há uma diferença? Para o historiador britânico Alun Munslow, conhecido pela sua perspectiva desconstrucionista do discurso historiográfico:

Na medida em que a história é uma interpretação narrativa construída a partir de teorias sociais ou posições ideológicas que os historiadores inventam para explicar o passado, a história pode ser definida essencialmente como um processo de produção de base linguística no qual a interpretação histórica escrita é organizada e criada pelos historiadores. (...) **Eu irei sugerir, portanto, que a história é mais bem vista epistemologicamente como uma forma de literatura que produz conhecimento**, tanto pela sua estética ou estrutura narrativa, como por qualquer outro critério. Somado a isso, ao reconhecermos o aspecto literário da história e a fabricação de personagens, é possível também abordar o passado como uma narrativa, bem como descrevê-lo em narrativa (MUNSLOW, 2009, p. 16, grifo meu).

Munslow se posiciona contra a tentativa de hierarquização da história ou da literatura em termos de sua relevância para a compreensão dos fatos. O autor sugere, por exemplo, que “toda interpretação histórica é apenas mais uma de uma longa cadeia de interpretações” (2009, p.54). Para o historiador Paul Veyne, a história é uma narrativa verídica, mais próxima do romance do que da ciência. Uma disciplina mais literária do que científica. Nas suas palavras:

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é o dos atores; é uma narração, o que permite evitar alguns falsos problemas. Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos (VEYNE, 2014, p. 18).

Embora insistamos em encontrar elementos que, ao mesmo tempo, definem e diferenciem história e literatura, para autores como Veyne, essa busca não faz muito sentido. Na visão do autor, a história é um romance real. Parte desse debate provém do fato de que ambos são veiculados a partir de um elemento comum, a narrativa, que, por sua própria natureza, seria deformadora da realidade. Seria a história uma ficção? Com a diferença de ocorrer a partir de documentos “reais”, Pesavento (2006, p. 4-5) observa que o passado é representado pelo historiador “através de estratégias que se aproximam das dos escritores de ficção, através de escolhas, seleções, organização de tramas, decifração de enredo, uso e escolha de palavras e conceitos”. Seria como dizer que a história não é uma ficção – pelo menos não da forma inverídica como geralmente imaginamos ser esse tipo de produção –, mas a história se utiliza de técnicas da ficção para narrar o passado. Ao narrar, o historiador explora a imaginação e formula todo um cenário capaz de acomodar os fatos históricos que

deseja tratar. O compromisso com a verdade, por mais problemático que seja esse termo, mantém-se. A partir disso, Pesavento infere que:

(...) há um condicionamento a esta liberdade ficcional imposta pelo compromisso do historiador com relação ao seu ofício. O historiador quer e se empenha em atingir o real acontecido, uma verdade possível, aproximada do real tanto quanto lhe for permitido. Esta é a sua meta, a razão de seu trabalho e este desejo de verdade impõe limites à criação (PESAVENTO, 2006, p. 5).

Dessa forma, Pesavento (2004, p. 84) aponta a história como uma ficção controlada, uma vez que ela relata sobre o acontecido, mas as formas de relatá-lo ocorrem por meio do uso de estratégias ficcionais. Em síntese, “história e literatura correspondem a narrativas explicativas do real”, mas que não se confundem, pois cada uma tem a sua própria particularidade (PESAVENTO, 2006, p. 2).

Considerando que história e ficção têm em comum o uso da narrativa, Veyne (2014, p. 81) esclarece que “a história (...) não poderia contentar-se em ser uma narração; ela também explica, ou melhor, deve explicar”. Dessa forma, um dos elementos que diferenciam história e literatura é de que essa sempre narra e aquela narra e explica. Inevitavelmente, isso acaba resgatando novamente temas bastante polêmicos em torno da cientificidade, origens e causas em história. Na visão de Veyne (2014, p. 83-84), compreender e explicar é uma das essências da *explicação histórica*. Trata-se de uma “narração suficientemente documentada”, mas “que se distingue muito pouco do gênero de explicação que se pratica na vida quotidiana ou em qualquer romance em que se narra esta vida”. Para esse autor (2014, p. 12), “a história é um romance real”, pois ambos são veiculados a partir de um elemento comum, a narrativa, por sua própria natureza, deformadora da realidade.

O historiador brasileiro José D'Assunção Barros (2010, p. 2), para o qual o debate mais polêmico na historiografia nos últimos anos é a relação entre história e literatura, chega até mesmo a mencionar a história como um gênero literário ao dizer que “a história, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a literatura, ainda que postule ser uma arte, está diretamente mergulhada na história”. Ambas encontram-se unidas pelo viés da narratividade. Segundo Barros (2010, p. 2-3), a partir da década de 1960, a disseminação da ideia da impossibilidade de que a história apreenda a realidade foi o que mais a aproximou do patamar da ficção. A historiografia corria o risco de cair no descrédito e no ceticismo epistemológico. Para o autor, é aqui que entra a intervenção de diversos teóricos que, entre as

décadas de 1970 e 1980, contribuíram para que a tomada de consciência sobre a narratividade e a subjetividade na história não significasse a sua dissolução. Entre esses, destacam-se Paul Veyne (Como se escreve a história), Michel de Certeau (A operação historiográfica), Hayden White (Meta-história) e o filósofo Paul Ricoeur (Tempo e narrativa). Ao prefaciá-la obra de Albuquerque Junior, “História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história”, o historiador Manoel Luiz Salgado Guimarães observa:

Este debate tem sido feito, pelos historiadores, quase sempre, no sentido de defender a autonomia de nosso campo de trabalho, reafirmando a diferença entre história e literatura, num comportamento defensivo, em que a clara defesa de um campo de saber mal disfarça a luta pelo poder no interior da academia. A pergunta de que parto para escrever estes textos é por que os historiadores temem tanto a aproximação com a Literatura. (...) Talvez seja porque a discussão da relação entre História e Literatura, na verdade, traz com ela a discussão do próprio estatuto do saber histórico, do seu caráter científico ou não. A discussão em torno do texto do historiador se abre para questões como as características particulares da própria narrativa em História, seu caráter científico ou não. (...). A questão da verdade em História também é impactada por esta discussão à medida que nos leva a problematizar a distinção entre fato e ficção, que durante quase dois séculos assegurou a separação entre o campo literário e o campo historiográfico. Desde o texto que dá título ao livro, inclino-me pela defesa do caráter artístico da História, do seu caráter poético e literário, e pensando com a Literatura e não contra ela, reflito neste primeiro conjunto de textos sobre as implicações para a prática do historiador de pensá-la como uma arte literária, sem que isto signifique necessariamente abandonar suas pretensões a ser uma prática científica (GUIMARÃES. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 13).

Guimarães coloca ainda que Albuquerque Júnior recorre ao recurso da literatura, “não como fonte histórica no sentido de manancial de informações a serem extraídas pelo pesquisador metucioso, mas como lugar de boas perguntas acerca de um problema, como lugar de fecundação do pensamento” e o mais importante: pensando com a literatura e não contra ela (GUIMARÃES. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 17). Para Albuquerque Júnior, assim como para muitos outros autores atuais, a relação entre história e literatura é inevitável, o que não quer dizer que a história deixará de se mostrar como uma prática singular, um campo específico de produção de conhecimento com normas e parâmetros próprios, embora todo esforço não seja suficiente para torná-la uma ciência.

Pesavento (2004, p. 52) explica que “a questão de admitir a ficção na escrita da História implica aproximá-la da literatura e, para alguns autores, retirar-lhe o conteúdo de ciência! A História seria, assim, rebaixada de estatuto, abdicando do seu direito de enunciar a verdade”. A autora (2005, p. 115-116) não concorda com o argumento utilizado pelo discurso pós-moderno, segundo o qual a história não é uma ciência por ser igual à literatura. Para

Pesavento, o problema desse argumento é pressupor que a literatura não se preocupa com as questões do seu entorno e que sua única função é divertir o grande público, o que não condiz, por exemplo, com a postura altamente engajada assumida pela literatura no último século. Um engajamento do qual os historiadores começaram a tomar conhecimento, sobretudo, quando se dispuseram a tomar a literatura como objeto de estudo.

## 2. A literatura no âmbito de estudo da História Cultural

Segundo a autora Sandra Pesavento (2004), a História Cultural foi uma corrente historiográfica surgida nas últimas décadas do século XX. Na tentativa de renovar as vertentes interpretativas da história, impulsionou a reflexão em torno de outros mecanismos de acesso ao passado, entre eles: “representação”, “imaginário”, “subjetividade”, “ficção” e “narrativa”. Outra importante reflexão possível através da História Cultural foi em torno das sensibilidades.

O que se deve entender por sensibilidades? Pesavento (2004, p. 57), as define como “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos”. Como fica evidente na passagem abaixo, na História Cultural, os historiadores lidam com a subjetividade e devem estar atentos aos sentimentos, emoções, medos e desejos do tempo estudado:

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. **Às sensibilidades compete essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade** (PESAVENTO, 2004, p. 56, grifo meu).

As sensibilidades são, pois, o difícil objeto a ser capturado pelo historiador da cultura. Quais são os métodos empregados pela História Cultural para captar essas sensibilidades que nos chegam através de vestígios do passado? Não é um trabalho fácil, mas a literatura pode ser um caminho. Como colocado por Pesavento (2005, p. 84), ao trabalhar a literatura como fonte, “o historiador se depara, forçosamente, com a necessidade de pensar o estatuto do texto e realizar cruzamentos entre os dois discursos, em suas aproximações e distanciamentos”. Isso

envolve olhar sobre os detalhes, dar importância aos traços secundários dos fatos, tentar ver além daquilo que é mostrado, cruzar os registros do passado e fazer analogias. Em síntese, “montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, **para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo**” (PESAVENTO, 2005, p. 65, grifo meu).

Vale inclusive utilizar métodos de outras disciplinas, como a “descrição densa” da antropologia, cuja descrição minuciosa fornece inúmeras possibilidades interpretativas. Aliás, para a autora (2005, p. 66), a História Cultural é antropológica em seu método, pois o historiador faz uma análise minuciosa do simbólico no intuito de desvendar a teia de significados, tão bem trabalhada pelo antropólogo Clifford Geertz. Em todo caso, em uma pesquisa historiográfica, é importante ressaltar que “é a História que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto a Literatura opera como fonte. A Literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e passa a responder às questões formuladas pelo historiador” (PESAVENTO, 2005, p. 82). Em outras palavras, não estamos falando de uma literatura que substitui a história – ou vice-versa, mas de como ela opera como fonte para novas perguntas.

### **3. “Bonecos soluçantes”: a ditadura cívico-militar chilena do período de 1973-1990**

Data: 11 de setembro de 1973. Neste dia deu-se início à sangrenta ditadura no Chile. O chefe das Forças Armadas, general Augusto Pinochet Ugarte, liderou o bombardeio ao *Palacio de La Moneda*, sede do governo presidencial no Chile. Encontrava-se neste local o então presidente eleito Salvador Allende Gossens, eleito democraticamente em 1970. Segundo o jornalista e escritor John Dinges, em uma extensa pesquisa reunida em sua obra *Os anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul* (2005), o golpe de Estado de Pinochet foi calorosamente apoiado pelo governo norte-americano.

Segundo esse autor, ao bem sucedido golpe de Pinochet, seguiu-se uma caçada aos milhares de partidários de Allende. Muitos foram presos e enviados a campos de concentração improvisados, como foi o caso do Estádio Nacional de Santiago. Durante os dias que se sucederam ao 11 de setembro de 1973, corpos foram abandonados ao longo de rios e estradas.

Calcula-se que, em um primeiro momento, 18 mil pessoas tenham sido presas, das quais cerca de mil foram executadas e enterradas em sepulturas secretas. Nas palavras do autor:

Dezenas de milhares foram arrebanhados nas primeiras semanas e amontoados em estádios, e depois em campos de concentração apressadamente construídos. (...) Em dezembro, a população dos campos de concentração atingia 18 mil prisioneiros.

Por mais terríveis que fossem, as execuções, os corpos jogados no lixo, os campos de concentração e as prisões em massa constituíam apenas a parte visível da repressão. Boa parte da atmosfera de terror provinha da incerteza sobre as obscuras ações militares. Havia a percepção geral de que as pessoas estavam morrendo, mas ninguém sabia quantas eram. Muitos daqueles que foram presos nunca apareceram nos campos de concentração; tampouco seus corpos surgiram nas margens ou nos rios. Com o passar dos anos, alguns corpos foram encontrados em lotes não marcados nos cemitérios, no fundo de minas e em poços abandonados. Eles foram localizados às centenas, mas não se somaram aos milhares de nomes nas listas dos desaparecidos (DINGES, 2005, p. 79).

O Estádio Nacional de Santiago só começou a ser esvaziado nas primeiras semanas de 1974, não porque foram liberados, mas porque os presos foram distribuídos em centros menores de concentração, localizados em povoados distantes. A descentralização dos campos de concentração criou uma falsa impressão de calma, mas prosseguiram-se as torturas, mortes e desaparecimentos.

Pinochet e outros membros das Forças Armadas colocaram em prática o plano macabro de exterminar todos os vestígios de movimentos de conotação ideológica esquerdista, os chamados “terroristas”. Em 1974, sob o comando do General Manuel Contreras, o governo ditatorial chileno criou um centro de investigação militar denominado DINA (*Dirección de Inteligencia Nacional*), o qual se reportava única e exclusivamente a Pinochet. Segundo Dinges, há várias evidências que mostram que a DINA foi treinada pela CIA (*Central Intelligence Agency*), o serviço de inteligência estadunidense. O autor explica que os relatórios de inteligência militar dos Estados Unidos descreviam a DINA como uma “Gestapo moderna” e “uma organização de tipo KGB”, além de contar com os mais brilhantes e jovens oficiais do país<sup>1</sup>. Apesar de os oficiais norte-americanos serem favoráveis a Pinochet, nesses relatórios, eles expressavam certa preocupação com os modos de tortura utilizados pela ditadura recém-instaurada no Chile. Como exemplo, Dinges destaca:

Outro problema capital da Dina é seu sistema de interrogatório. A fonte disse que as técnicas são inspiradas diretamente na Inquisição espanhola e na maioria das vezes

---

<sup>1</sup> A Gestapo (abreviação de *Geheime Staatspolizei*, ou Polícia Secreta de Estado) foi uma estrutura de polícia do Estado alemão durante a 2ª Guerra Mundial. Já KGB (abreviação de *Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti*, ou Comitê de Segurança de Estado) foi uma estrutura policial da União Soviética durante quase todo o período da Guerra Fria. Ambas são historicamente conhecidas pelos métodos violentos, envolvendo assassinatos, desaparecimentos e atentados.

deixam o interrogado com danos corporais visíveis. A Cecifa e os departamentos do Serviço de Inteligência estão abalados, pois sentem essencialmente que nestes dias e nestes tempos não há desculpa para o uso de técnicas tão primitivas. A fonte revelou que os interrogatórios da Cecifa e do departamento do Serviço de Inteligência ocorrem em geral na presença de um médico qualificado para assegurar que nenhum dano físico ou mental permanente seja causado ao indivíduo que está sendo interrogado (DINGES, 2005, p. 107).

A violência e a brutalidade contra o corpo, como repositório de todos os traumas, sintetizam a atuação dessa organização que aprimorou a tortura como o instrumento mais utilizado para se obter informações dos revolucionários presos. Segundo Dinges, talvez 90% dos detidos pela Dina tenham sobrevivido, mas quantas pessoas ela prendeu ao todo é difícil dizer. Só em 1974, primeiro ano da operação, pelo menos 421 pessoas morreram em suas mãos, em um universo de pelo menos 4 mil presos. Para o autor:

O segredo terrível, mas pouco discutido, das organizações revolucionárias clandestinas daquele tempo era que a tortura, metódica e universalmente aplicada pela Dina e outras forças de segurança, converteu a maioria dos seres humanos em bonecos soluçantes, fraturados e submissos sob o controle dos mestres interrogadores. A humilhação era total. Algemados numa cama de metal, nus e com os braços e as pernas abertas, com corrente elétrica nas partes mais íntimas e sensíveis de seus corpos, as vítimas perdiam o controle físico. Os esfínteres se relaxavam, os músculos se contraíam em espasmos. Todo o corpo estremecia e sacudia em ondas de acessos violentos. Enforcamentos, afogamentos, asfixia, surras, estupro e execuções falsas constituíam variações na rotina básica. Alguns prisioneiros eram atropelados por caminhões. Esse era o horror da vida real com suor, cheiros e gritos, ossos se quebrando e o jorro de todo tipo de efluxo humano (DINGES, 2005, p. 156).

Pinochet e seus aliados entendiam que os comunistas agiam de forma internacional, portanto deveriam ser combatidos também de forma internacional. Dessa forma, a partir de novembro de 1975, o Chile estruturou um acordo de cooperação secreta com o Uruguai, Paraguai, Bolívia, Brasil e Argentina. O acordo, que recebeu o nome de Operação Condor, fazia referência à imponente ave chilena, de olhar poderoso e comedora de carniça. A Operação seria uma espécie de Dina, criada no ano anterior, porém muito mais violenta e de alcance internacional. O papel do país membro era permitir que as forças policiais dos demais países membros do acordo tivessem livre acesso ao seu território para investigar, interrogar, capturar exilados e retornar com eles aos seus países de origem para andamento nas investigações. Calcula-se que, nos dez anos em que esteve na ativa, a Operação Condor tenha articulado o assassinato de pelo menos 30 mil pessoas nos seis países membros.

Os Estados Unidos sabiam da existência da Operação Condor, monitoravam suas ações e dela obtinham excelentes fontes de informação. Tanto conhecimento e nenhum esforço real para detê-la, com exceção de algumas poucas autoridades, serviu como um

endosso à sangrenta caçada anticomunista liderada pela ditadura no Chile. A loucura chilena de caça aos comunistas extrapolou as fronteiras da América Latina quando um dos opositores mais ferrenhos a Pinochet, Marcos Orlando Letelier (diplomata socialista do governo Allende), foi assassinado em plena Washington D.C, sob articulação da Operação Condor, em 21 de setembro de 1976.

A ditadura no Chile só teve fim no ano de 1990, mas Pinochet ainda permanecia como chefe das Forças Armadas. Apesar do esforço de famílias de desaparecidos em busca de respostas, os crimes políticos relacionados aos anos de silêncio continuavam abafados, mesmo porque, em 1978, o ditador teve o cuidado de emitir o Decreto-Lei n.º 2.191, anistiando todos os que tinham cometido crimes políticos em favor da estruturação da ditadura em curso. No início da década de 1990, entre os poucos casos que venceram as barreiras representadas pela própria jurisdição chilena foi a investigação da morte do próprio Orlando Letelier. Constatou-se que ele havia sido morto por agentes da DINA sob ordens do General Manuel Contreras e do Coronel Pedro Espinoza, ambos condenados em 1995.

Dinges demonstra que alguns dos crimes da última ditadura cívico-militar chilena só foram possíveis de ser julgados graças ao esforço do jurista Juan Garcés, o qual havia sido assistente do governo Allende. A partir de 1996, Garcés passou a reunir todos os fundamentos jurídicos necessários que incriminassem a ditadura chilena para ser entregues ao Tribunal Criminal de Madri. Essa ideia surgiu depois que ele soube, casualmente, que aquela instituição movia um processo contra antigos militares argentinos acusados de crimes de direitos humanos, cometidos no âmbito da estrutura ditatorial daquele país naquelas duas últimas décadas. Pinochet e os demais membros da Junta Militar chilena finalmente poderiam ser julgados por uma corte internacional e condenados por crimes contra a humanidade. A investigação, sob o comando do juiz Baltassar Garzón, ganhou maior relevância ao se esmiuçar a ligação com a investigação que já ocorria em relação à Argentina, chegando assim à Operação Condor.

Pinochet foi preso em 16 de outubro de 1998, em Londres, onde fazia um tratamento médico. Por questões de saúde, não chegou a pagar de fato pelos seus atos. Morreu em dezembro de 2006, aos 91 anos, deixando em muitos um sentimento de injustiça, perplexidade e impunidade. Há muitos detalhes que ainda estão encobertos e grande parte disso pode estar ligada à ação intencional de pessoas interessadas em ocultar fatos, documentos e evidências incriminadoras, proteger governos, funcionários, mandantes, militares e executores de ordens.

#### 4. A Doutrina do Choque: o Chile como laboratório neoliberal

Uma importante abordagem que nos ajuda a entender a origem da violência estatal que se instalou no Chile é o estudo de Naomi Klein, ativista e jornalista canadense que tem, entre seus principais trabalhos, as ideias reunidas em seu livro *The shock doctrine: the rise of disaster Capitalism*<sup>2</sup>, publicado no ano de 2007. Resumidamente, a doutrina do choque econômico foi pensada pelo professor de economia da Universidade de Chicago, Milton Friedman. A partir da década de 1930, ele passou a desenvolver sua tese, segundo a qual, em momentos de crise, as sociedades estariam mais propensas a aceitar formas mais desreguladas de Capitalismo. O conselho era claro. Em momentos de crise, os governos deveriam agir imediatamente, aproveitando-se do estado de desorientação de toda uma sociedade para impor medidas impopulares e extremas de livre-mercado.

A doutrina do choque foi fomentada no Chile por estudantes chilenos que regressavam de suas bolsas de intercâmbio na Universidade de Chicago. De volta à Universidade Católica do Chile, passaram a ensinar os princípios de livre mercado. *Los Chicago Boys*, como ficaram conhecidos, reuniram suas ideias em um projeto econômico intitulado “*El ladrillo*”, determinando a privatização de empresas estatais e corte dos gastos públicos. O projeto de livre mercado para a América Latina, que tanto interessava às grandes lideranças capitalistas, andou de mãos dadas com os governos ditatoriais dessa região, sendo o Chile um dos exemplos.

Na década de 1950, a ideia de adoção do livre mercado em momentos de choque, tão defendidas por Milton Friedman e pelo Departamento de Economia da Universidade de Chicago, era considerada inaplicável até mostrar sua efetividade ao ser testada pela primeira vez, segundo Klein, no Chile. Só mediante essa demonstração de eficácia é que mais tarde a doutrina do choque tornou-se uma prática dos governos de Thatcher e Reagan, entre muitos outros que se seguem na atualidade em diversos países do mundo. A crise, seja ela de qual natureza fosse, mostrava a sua utilidade. O governo aproveitava-se de um estado generalizado de confusão na sociedade para adotar medidas que, em um estado de normalidade, seriam consideradas impopulares. Internamente, os grandes governos capitalistas interviam fortemente nos rumos de suas economias, rechaçando qualquer possibilidade de uma

---

<sup>2</sup> Em português, a obra foi traduzida com o título “A doutrina do choque: a ascensão do Capitalismo de desastre”.

economia de livre mercado. Todavia, adotaram planos bem diferentes para os países da América Latina diante do que se convencionou chamar de “ameaça” comunista. Forçar os países latino-americanos a trilhar o caminho do livre mercado seria uma forma de deter o avanço do comunismo.

Segundo Klein, à eleição do governo comunista de Salvador Allende, o governo norte-americano respondeu com ações para desestabilizar a economia chilena. Com esse apoio internacional, a tomada do poder arquitetada pelos movimentos de oposição de direita na figura do General Pinochet deu início a uma grave crise que instalou o caos por diversos setores da sociedade. Alimentos foram racionados e plantios foram sabotados. Acabara-se de instalar o cenário ideal para extirpação da ameaça comunista por meio da desregulação da economia e sua inserção no livre mercado.

## 5. “A restauração democrática”

Segundo o jornalista argentino Jacob Timerman (1987), a chegada da década de 1980 trouxe a expectativa que cada novo ano daquela década seria o último de Pinochet no poder. Uma possibilidade que levou milhares de pessoas às ruas. Entre os anos de 1983 e 1986, a miséria provocou manifestações gigantescas nas ruas de Santiago. Cerca de 18 mil soldados foram colocados nas ruas. “Em certos dias, morria quase uma centena de pessoas. (...) Havia pessoas ‘desaparecidas’. Corpos eram encontrados com a garganta cortada. Alguns dos participantes das passeatas e demonstrações eram queimados vivos, enquanto outros permanecem nos presídios ou no exílio” (TIMERMAN, 1987, p. 23).

Com o término da ditadura no Chile, em 11 de março de 1990, o governo autorizou a criação de algumas comissões para se tentar esclarecer as violações ocorridas contra os direitos humanos no país entre 1973-1990, como forma de dar uma resposta à sociedade (*GOBIERNO DE CHILE. Comisiones*). Por meio do Decreto Supremo nº 355, de 25 de abril de 1990, implementou-se a *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación*, cuja liderança esteve a cargo do jurista Raúl Rettig. Um ano depois, a Comissão entregou ao então Presidente da República, Patricio Aylwin, o documento *Informe de la Comisión Nacional de la Verdad*. Trata-se do relatório final dos trabalhos, que também ficou conhecido como Relatório Rettig. A Comissão conseguiu reunir informações atestando que “2279 personas perdieron la vida en este período, de los cuales 164 los clasifica como víctimas de la

*violencia política y 2115 de violaciones a los derechos humanos” (GOBIERNO DE CHILE. Informe Rettig).* Os trabalhos não findaram com o Informe Rettig, pois novas comissões foram organizadas.

Em 8 fevereiro de 1992, foi a vez da *Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación*, criada por meio da *Ley 19.123*. O objetivo da Comissão foi dar continuidade ao Informe Rettig, declarando “*la calidad de víctimas de violaciones a los derechos humanos o de la violencia política de personas que murieron o que desaparecieron luego de ser privadas de libertad, entre el 11 de septiembre de 1973 y el 11 de marzo de 1990” (GOBIERNO DE CHILE. Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación).* Em 26 de setembro de 2003, por meio do *Decreto n.º 1.040*, a *Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura* foi presidida pelo bispo católico Sergio Valech, tendo como objetivo realizar um cadastro das pessoas que foram presas, perseguidas e torturadas por motivos políticos durante a ditadura (*GOBIERNO DE CHILE. Comisiones*). Por fim, em 5 de fevereiro de 2010, por meio do *Decreto Supremo n.º 43*, a *Comisión Asesora para la Calificación de Detenidos Desaparecidos y Ejecutados Políticos y Víctimas de Prisión Política y Tortura* teve como objetivo “*abrir un nuevo plazo para el reconocimiento de las víctimas que no se presentaron o no fueron reconocidas”* pelas Comissões anteriores (*GOBIERNO DE CHILE. Comisiones*). O resultado desses trabalhos foi a criação, entre outras medidas, das chamadas *Leyes de reparación* que beneficiam a vítima ou suas famílias (*GOBIERNO DE CHILE. Instituto de Previsión Social*), sendo elas: *Ley Rettig* (*Ley 19.980*); *Exonerados Políticos*; *Ley Valech*; e as leis de *Plazo para postular a Ley de Exonerados Políticos*.

Apesar de todas essas medidas que partem do governo (na realidade, cedendo à pressão de setores da sociedade), ocorre que ainda se encontra vigente no país a *Ley de Amnistía* – criada por Pinochet por meio do *Decreto Ley 2.191* de 18 de abril de 1978 –, que livra de processo judicial os suspeitos de terem cometido crimes políticos no período de 11 de setembro de 1973 a 10 de março de 1978. Hoje, é uma lei sem efeito, mas o Congresso ainda não chegou a um consenso sob a sua revogação definitiva. A partir da década de 1990, a vigência dessa lei de anistia não impediu o julgamento e condenação de alguns envolvidos. É o caso, por exemplo, quando em agosto de 2015, a Corte Suprema do Chile aprovou a abertura de processo para se julgar 15 ex-agentes da DINA pela morte do diplomata espanhol Carmelo Soria Espinoza, assassinado em 14 de julho de 1976, portanto, no período coberto pela anistia. A abertura desse processo era reivindicada desde a década anterior. A acusação de lentidão não se restringe a esse caso, já que há muitos outros que permanecem em juízo.

Até outubro de 2015, 279 pessoas haviam sido declaradas culpadas em juízo por diversos crimes praticados nos anos em que perdurou a ditadura e, naquele momento, 75 cumpriam penas em prisão. Infelizmente, um número pouco expressivo, se considerarmos o longo período em que a DINA, a polícia secreta chilena, esteve em ação. Até o momento, sabe-se que, nos 17 anos de ditadura, 38 mil prisões foram realizadas de forma arbitrária e violenta, e mais de 3 mil pessoas foram mortas ou estão desaparecidas (MARENGO, 2015).

## 6. Algumas iniciativas de registro da memória ditatorial chilena

Por mais impactante que tenha sido um fato histórico, a memória não é algo espontâneo ou que naturalmente chegará ao conhecimento das futuras gerações. Às vezes, a perplexidade diante da violência perpetrada, em uma intensidade até então desconhecida, é capaz de silenciar aqueles que viram, ouviram e sentiram. Um silêncio proveniente mais da inexistência de palavras capazes de expressar a dimensão real do trauma, do que um ato voluntário de esquecimento. Dessa forma, a memória precisa ser constantemente estimulada através do que o historiador francês Pierre Nora tratou, pioneiramente, como lugares de memória. O que são lugares de memória? Para Nora, podem ser:

(...) lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações (...) (NORA apud LE GOFF, 2013, p. 433).

A lista de exemplos do que pode ser um lugar de memória tem se ampliado ao longo do tempo, na medida em que cada vez mais pesquisadores se propõem a estudar o tema. No documentário *A Doutrina do Choque*<sup>3</sup> (2009, 1:08:38s-1:08:44s), chama muita a atenção a seguinte observação em que se faz referência direta ao governo dos tempos de Pinochet: “talvez o primeiro ato de resistência seja não permitir que a nossa memória coletiva seja apagada”. Essa frase é seguida de uma cena em que Naomi Klein faz uma visita à *Villa Grimaldi*, um dos principais centros de tortura do regime Pinochet no Chile e onde hoje funciona uma espécie de memorial às vítimas da ditadura. Observando, *Villa Grimaldi* é como um espaço de memória, mas, assim como ele, há outros espaços que também trazem à tona a

<sup>3</sup> Baseado no livro *The Shock Doctrine: the Rise of Disaster Capitalism*, da jornalista canadense Naomi Klein.

memória dos anos de terror. Um deles é o *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* inaugurado, em 2010, pela Presidente Michelle Bachelet, localizado no circuito cultural de Santiago Poniente. O espaço conta com reproduções de salas de tortura, exposição fotográfica de desaparecidos políticos, desenhos e cartas de crianças aos pais exilados, entre outros materiais. Esse museu conta ainda com o projeto *Memorias de Exilio Chile*. Trata-se de um portal *on line*, especificamente voltado para dar “*visibilidad a los testimonios de quienes se vieron obligados a partir al exilio durante la dictadura, a los que nacieron fuera del país, a los que no volvieron, a los que regresaron y a los que volvieron a partir*” (MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS. *Memorias de Exilio*). Além disso:

*El objetivo principal de la iniciativa es generar un espacio que incluya las memorias del exilio, un espacio para el diálogo y el encuentro de sus testimonios y vivencias, abordando la experiencia del retorno y el sentimiento de desarraigo de la identidad individual y colectiva. Queremos incorporar la temática del exilio a la reconstrucción de nuestra memoria como país y hacerlas parte de las múltiples memorias de nuestro pasado reciente (MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS. Memorias de Exilio).*

Nesse portal, vale observar o apelo dos organizadores para que os chilenos que passaram pela experiência do exílio enviem seus testemunhos: “*Le invitamos a participar de este proyecto, su historia es parte de nuestra memoria, comparta su testimonio*” ou ainda “*si además de publicar su testimonio desea enviar material adicional, contáctese con el CEDOC del Museo de la Memoria*” (MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS. *Memorias de Exilio*). O resultado são dezenas de relatos disponíveis para conhecimento e consulta, enviados por chilenos que vivenciaram o exílio em diversos lugares do mundo.

Uma das iniciativas mais ambiciosas de elaboração de uma memória chilena, para acesso online, talvez seja o centro de recursos digitais do Portal *Memoria Chilena* (GOBIERNO DE CHILE. *Memória Chilena*). O próprio título do portal já deixa evidente a missão de conformar uma memória do país (embora o mais adequado fosse falar em memórias). Em atividade desde o ano de 2003, o objetivo dos idealizadores é disponibilizar, de forma digital e gratuita, a história coletiva que conforma a identidade do país. Conta com o acervo digitalizado de materiais e pesquisas de uma extensa lista de profissionais, colaboradores e instituições, dentre as quais se destacam as coleções da *Biblioteca Nacional de Chile* e da *Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos*. Todos os materiais selecionados são organizados e disponibilizados por temas. O projeto não é voltado unicamente para o Chile das décadas de 1970 e 1980, mas a tudo o que esteja relacionado à história do país. No

que se refere ao período ditatorial chileno, há diversos materiais reunidos, como revistas, fotografias, cartas de perseguidos políticos, desenhos infantis, além de uma interessante compilação de revistas literárias produzidas por exilados chilenos no exterior.

Com tantas iniciativas de registro da memória do período ditatorial no Chile, em um primeiro momento, imagina-se que essa memória esteja presente de forma bastante manifesta no cotidiano dos seus habitantes, mas talvez não seja bem assim. Uma possibilidade a se considerar, especialmente se levarmos em conta que, para Nora, os lugares de memória funcionam como que para defender lembranças que, de certa forma, já perderam parte do seu significado no presente. O autor explica que, quando a memória deixa de existir, é que lhe consagramos lugares, ou seja, quando já não vivenciamos cotidianamente as experiências que compõem uma determinada memória. Em suas palavras (NORA, 1993, p. 7), “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. (...). Há locais de memória porque não há mais meios de memória”.

Para Nora (1993, p. 18), “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. Talvez, um indício de que não há memória espontânea seja o esforço de escritores, como Luis Sepúlveda, dispostos a manter acesas as memórias do período ditatorial chileno. Memórias, essas, ameaçadas de ser esquecidas, deixadas de lado ou de não serem tratadas pelas novas gerações com a mesma importância dada por aqueles que vivenciaram aquele período e que carregam, no corpo e na memória, as marcas da violência estatal.

## **7. “Una sociedad conmocionada”: o impacto da ditadura sobre a literatura no Chile**

Para se compreender o impacto que teve a ditadura chilena sobre as gerações que se sucederam, vale citar dois trabalhos de Mario Lillo Cabezas: “*La novela de la dictadura en Chile*” (2009), bem como “*Silencio, trauma y esperanza: novelas chilenas de la dictadura 1977-2010: las intensidades de la memoria*” (2013). Cabezas (2013, n.p.) coloca que, em comparação ao que ocorria até a década de 1960, “*es difícil encontrar novelas chilenas publicadas o incluso vendidas en Chile en los años inmediatamente posteriores a 1973 – las de Marchant y Edwards son excepciones a esta regla –, y que en contraste se produjo una verdadera efusión entre 1989 y 1995*”. É possível concluir que a censura pode ter contribuído

significativamente para a queda no número de produções literárias, mas não só isso. O estupor pode ter paralisado as palavras, mediante um sofrimento indizível e inenarrável.

Cabezas explica que, até a década de 1960, predominou entre alguns escritores hispano-americanos a aspiração a uma literatura total, “*cuya ‘misión’ era dar cuenta exhaustiva de la enorme complejidad social, política, racial, cultural, etc., del subcontinente*”. A exemplo de *Conversación en La Catedral* do peruano Vargas Llosa, *La región más transparente* do mexicano Carlos Fuentes, *Cien años de soledad* do colombiano Gabriel García Márquez, *Bombarzo* do argentino Manuel Mujica Láinez, essas obras “*estaban destinadas a reunir y resumir la múltiple y variopinta realidad latinoamericana encapsulada en un texto centrípeto y centrífugo a la vez*” (CABEZAS, 2013, n.p.). Centrípeto, pela intenção de reunir na literatura a narração das realidades. Centrífugo, por buscar dirigir seus significados a toda uma sociedade, independente das diferenças políticas, sociais e culturais. Tratava-se do que se convencionou chamar de *boom da literatura latino-americana*.

A década de 1970 marcou o fim dos grandes relatos ou relatos totais. Na literatura “*se abandona la pretensión de explicar el mundo a través del género [literario]*” (CABEZAS, 2013, n.p.). A maioria das obras publicadas no Chile a partir de 1973, segundo o autor, parece seguir esse desprendimento que as afastam da década anterior. Que tratamento a literatura chilena confere à realidade a partir de então? Segundo o autor:

*(...) por nuestra parte sostenemos que el relato de los acontecimientos posteriores a 1973 se ha verificado no en una gran novela total que dé cuenta de o traduzca una imposible memoria total de la dictadura, sino a través de múltiples novelas que, de acuerdo con una concepción ya instalada de la posmodernidad y del post-Boom, plantean un descentramiento de la noción de totalidad y dan cuenta de temas, sujetos, espacios, tiempos o destinos de modo parcial, fragmentario, atomizado, desperfilado* (CABEZAS, 2013, n.p., grifo meu).

A partir da ditadura, a pretensão totalizadora deu lugar, na visão do autor, ao objetivo mais modesto de narrar aquilo que cercasse ou estivesse mais próximo ao indivíduo. Mas há algo que precisa ser ressaltado: o autor sustenta que o desprendimento da prática totalizadora no Chile não significa que a literatura do país não tenha dado conta de relatar a sua experiência ditatorial. Pelo contrário:

*Por nuestra parte, sostenemos que la hipotética deuda histórica que lastraría a la narrativa post-1973 respecto de la memoria de la dictadura se ha saldado con muchas de las novelas publicadas en los últimos cuatro decenios. En este aspecto, hay que tener en cuenta que las modalidades que adoptaron los escritores para relatar su experiencia durante y después de la dictadura no obedecen, ni obviamente debieran hacerlo, a una matriz común, puesto que las experiencias individuales durante este período histórico eventualmente pudieron confluír en*

*elementos comunes o aglutinantes, pero es indudable que las sensibilidades ante un fenómeno que se supone compartido difieren sustancialmente en virtud de visiones, ideologías, valores, praxis, historias personales y estéticas muy particulares* (CABEZAS, 2013, n.p.).

Aqui é interessante fazer um balanço com as observações de Timerman (1987, p. 67). No final da década de 1980, esse escritor argentino teceu algumas observações acerca do que ele enxergou no Chile como “blecaute cultural”, ocasionado pela ascensão do governo autoritário. Ele aponta que “numerosos intelectuais lideraram a luta contra a resignação e a tendência ao esquecimento”, mas que “durante a ditadura, não foi lançada nenhuma obra artística ou literária de vulto”, ou seja, que tenha alcançado grande notoriedade. Ou ainda:

A tragédia clássica – na forma de um romance, um artigo, um mural, uma ópera, ou uma peça teatral – não aparece na criação cultural chilena, ainda que a tragédia esteja diante de cada um, nas ruas, assim como nos presídios. No entanto, todo o sofrimento parece-lhes coisa banal. O Chile vive um momento dramático, porém seu drama ainda não foi escrito. A necessidade de que esse drama seja expresso numa criação intelectual está no âmago do blecaute cultural chileno (TIMERMAN, 1987, p. 67).

Na visão do autor, elaborada no final da década de 1980, faltava surgir, no Chile, manifestações culturais “de peso” capazes de tocar os chilenos acerca da realidade na qual eles estavam imersos. Isso estaria relacionado, na hipótese do autor, ao fato de os próprios intelectuais ainda não terem conseguido dimensionar a realidade macabra na qual eles viviam (TIMERMAN, 1987, p. 66). Foge aos objetivos desse trabalho avaliar se as manifestações culturais daquele período eram ou não “de peso”, mas é possível dizer, em retrospectiva, que a literatura chilena tem conseguido expressar a sua experiência ditatorial, com diversas narrativas que abarcam com muita sensibilidade esse período tão turbulento da história do país. Há aquelas, por exemplo, que foram publicadas ainda sob um Estado repressor, como é o caso, entre outras, de *Tejas Verdes: Diario de un campo de concentración en Chile*, de Hernán Valdés (1974); e *La ciudad está triste*, de Ramón Díaz Eterovic (1985). Mas há, também, aquelas publicadas após o período ditatorial, como *Nosotras que nos queremos tanto*, de Marcela Serrano (1991); *Mala Onda*, de Alberto Fuguet (1991); *Morir en Berlín*, de Carlos Cerda (1993); *La reina Isabel cantaba rancheras*, de Hernán Rivera Letelier (1994); *El lugar donde estuvo el paraíso*, de Carlos Franz (1996); *El Beneficio de la Duda*, de Alejandra Rojas (1997); *Nocturno de Chile*, de Roberto Bolaño (2000); *La sombra de lo que fuimos*, de Luis Sepúlveda (2009); *Formas de volver a casa*, de Alejandro Zambra (2011); e *No hay que mirar a los muertos* (2015), de Mauricio Electoral.

Além do mais, como observado por Cabezas (2013, n.p.), durante a ditadura, os escritores chilenos viam-se em uma espécie de obrigação e responsabilidade ética de fazerem da literatura seu canal de comunicação e de transgressão contra um governo opressor. O escritor chileno Carlos Franz relata:

*No estoy hablando sólo de los militares, sino también de la 'dictadura' de las ideas de oposición que exigían una denuncia de la dictadura. Había que definirse: o eres 'facho' o estás en la otra trinchera. Yo intuía que eso conducía a un maniqueísmo literario: o se hacía una literatura de denuncia o se caía en la complicidad. Esto me parecía un chantaje histórico intolerable a nuestra libertad creativa. (...). Para nosotros escritores, también el año 89 o 90 es un momento de liberación (...). Sentí muy claramente un alivio estético al volver el país a la democracia (...) y también dejar atrás la literatura de denuncia (CARLOS FRANZ apud CABEZAS, 2013, n.p.).*

Relato semelhante verifica-se com o escritor chileno José Donoso ao colocar que “*en la mayoría de los casos, los problemas políticos y sociales parecieron haber sido inevitables para muchos escritores, quienes durante la dictadura se sintieron presionados para escribir acerca de lo que acaecía bajo la represión*” (JOSÉ DONOSO apud CABEZAS, 2013, n.p.). As falas de Carlos Franz e José Donoso são importantes por provocarem a seguinte questão: se o fim da ditadura trouxe aos escritores alívio e liberdade para poderem se dedicar a outros temas, como explicar a existência de produções literárias chilenas que seguem, até os dias de hoje, abarcando diretamente o período ditatorial ou suas reverberações no presente? Por mais que o fim da ditadura trouxesse o alívio de, finalmente, se desobrigar da literatura de denúncia, não seria tão fácil virar a página e simplesmente esquecer aquele passado sombrio. Talvez não fosse possível curar as feridas, simplesmente, deixando de se falar sobre elas.

Segundo Cabezas (2009, p. 45), a literatura chilena se seguiu, na década de 1990, com uma profunda atividade editorial, que já despontava desde fins da década de 1980, na emergência da variação de temas, linguagens, interesses e possibilidades. Todavia, isso não significou o fim das narrativas com a temática ditatorial, especialmente por parte dos escritores nascidos entre as décadas de 1930 e 1940 e que permaneceram no país após o golpe. Portanto, em relação às gerações mais novas, trata-se de escritores que viveram a ditadura por mais tempo e mais de perto. Cabezas parte da seguinte hipótese:

*Una vez recuperada en 1990 la democracia, y con ella la libertad de expresión y edición, surgen las preguntas: ¿y ahora qué? ¿Cómo dar cuenta de lo vivido ante la realidad del pánico de la página en blanco cuando se está, literalmente, saturado de memorias de la historia reciente? (CABEZAS, 2013, n.p.).*

Ou seja, não se pode pensar que os escritores, simplesmente, deixariam de falar da ditadura, pois ela acabou conformando a própria identidade dessas pessoas, enquanto perseguidos políticos, torturados, presos, exilados, destituídos dos amigos e entes queridos. São narrativas que, segundo Ortega (2011, p. 56), “*permiten concebir un mapa social que recoja y elabore los síntomas de una sociedad conmocionada*”. Entrelaçam o choque, o trauma, a indagação e a perda, demonstrando, assim, o quão impactante foi a ditadura chilena sobre a produção literária no país, mesmo na atualidade.

## CAPÍTULO II

### AS ESTÁTUAS NÃO SE MOVEM, MAS SUAS SOMBRAS SIM: UM OLHAR SOBRE A OBRA *LA SOMBRA DE LO QUE FUIMOS*

Hoje, há quase um século dos estudos realizados pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs, o conceito de memória ainda provoca muitas reflexões. O termo tomou ainda mais dimensão após os estudos das recordações traumáticas da 2ª Guerra Mundial e das experiências do *Shoá*, catástrofe que fez o ocidente repensar e rediscutir a ideia de racionalidade, humanidade e barbárie (NESTROVSKI; SELIGMANN-SILVA, 2000). Sabemos que a literatura sempre costurou uma íntima relação com a memória, como bem demonstram os estudos do crítico literário brasileiro Márcio Seligmann-Silva, e também que ela é um recurso para lidar com o passado. Deste modo, o objetivo deste capítulo é demonstrar como uma narrativa literária pode auxiliar na elaboração da memória traumática do período ditatorial chileno. No caso de *La sombra de lo que fuimos*, isso é construído por meio de uma narrativa ficcional, na qual três amigos, durante toda a madrugada fria e chuvosa de 16 de julho de 1998, em Santiago, se colocam a recordar e verbalizar seus sofrimentos, atualizando entre si suas experiências de perdas, torturas e exílios. Já a obra em si, explícita o doloroso, mas constante processo de “olhar para trás” em uma tentativa de tentar entender a perda, um último olhar para a cidade destruída, mesmo sob o perigo de converter-se em “estátua de sal” – expressão que será abordada nas próximas páginas. Mesclando veracidade à narrativa ficcional, Sepúlveda atualiza o leitor acerca do sofrimento que paira sobre aqueles que sofreram com a ditadura e que ainda esperam uma resposta para as injustiças sofridas.

#### 1. Sobre o autor Luis Sepúlveda e sua militância política

Luis Sepúlveda nasceu em 4 de outubro de 1949, na cidade de Ovalle, Chile. Ingressou na Juventude Comunista chilena em 1964, da qual veio a ser expulso em 1969. Nesse mesmo ano, publicou sua primeira obra, *Crônicas de Pedro Nadie*, o que lhe valeu o *Prêmio Literário Casa de las Américas*. Em 1970, dedicava-se ao teatro e à locução de

programas de rádio, entre outras atividades. Em 1973, ingressou no Partido Socialista, onde chegou a fazer parte da segurança pessoal do então presidente do Chile, Salvador Allende. Nesse mesmo ano, foi preso pelas autoridades do então presidente e ditador Augusto Pinochet.

Na prisão, conviveu com muitos outros encarcerados decorrentes do mesmo tipo de perseguição política. Após dois anos preso, foi posto em liberdade condicional com a mediação da Anistia Internacional. Foi preso novamente, acusado de conspiração subversiva e traição à pátria, sendo condenado por um tribunal militar a 28 anos de prisão. Em 1977, novamente devido à intervenção da Anistia Internacional, a pena foi comutada para oito anos de exílio na Suécia. Conseguiu fugir durante o percurso e só retornou ao Chile catorze anos depois.

Morou, trabalhou e militou em vários países dentro e fora da América Latina. Exerceu várias atividades laborais, tais como jornalista e motorista. Em Quito, dirigiu uma companhia de teatro e estudou o impacto da colonização sobre os indígenas *Shuar*. Em 1979, alistou-se na Brigada Internacional Simon Bolívar, frente sandinista que lutava contra a ditadura de Anastácio Somoza, na Nicarágua. Na Alemanha, trabalhou como jornalista correspondente de países da América Latina e África. No final da década de 1980, atuou como ativista do Greenpeace, participando de várias ações ambientais.

Desde 1996, vive em Gijón, Espanha, sendo um dos autores hispano-americanos mais traduzidos. Seu reconhecimento como escritor ocorreu em 1989, com a publicação do seu primeiro romance: *Un viejo que leía novelas de amor*. Até o momento, são pelo menos 21 obras publicadas e 11 prêmios recebidos. O mais recente foi o prêmio Primavera de Novela (2009) pela obra *La sombra de lo que fuimos*, a mesma que será abordada ao longo desse trabalho. Entre suas obras mais conhecidas também estão: *Nombre de torero* (1994); *Patagonia Express* (1995); *Historias marginales* (2000); e *El poder de los sueños* (2004).

## **2. *La sombra de lo que fuimos*: enredo**

Em dezoito capítulos, *La sombra de lo que fuimos* apresenta a história de cinco personagens que na juventude haviam militado contra a ditadura de Augusto Pinochet. São eles: Pedro Nolasco González, Cacho Salinas, Lolo Garmendia, Lucho Arancibia e Coco

Aravena. A narração refere-se a um período de aproximadamente 12 horas, começando na noite de 15 de julho de 1998 e se estendendo até o amanhecer do dia 16 de julho.

O reencontro se dá graças à iniciativa de Lolo Garmendia, ao deixar um anúncio em uma página na internet. A mensagem se referia aos antigos *elenos de la columna Vizcachas*, mais precisamente aos que tinham participado como membros do ELN – *Ejército de Liberación Nacional*. O anúncio era uma tentativa de pôr em contato esses antigos militantes. Cacho Salinas faz o contato imediatamente, pois quem assinava era o *Black panther*, apelido de um conhecido seu de juventude: Lolo Garmendia. Por mensagem de e-mail, Garmendia marca o encontro em uma oficina mecânica desativada, de Lucho Arancibia, localizada em um bairro de Santiago. Nos tempo da ditadura, Lucho Arancibia teve seus dois irmãos assassinados pela polícia chilena. O reencontro entre esses senhores ocorre 35 anos após serem dispersos pela perseguição política. O único que faltava chegar era Pedro Nolasco, cuja demora começa a ser estranhada pelos três sexagenários que já se esquentavam em volta de uma fogueira, acompanhada de vinho e frango assado. Em poucas horas de conversa, as memórias dos anos de ditadura vêm à tona, trazendo a dor rememorada de tempos difíceis.

Pedro Nolasco González, assim como os demais, foi um militante de esquerda e sofreu duras perseguições por se opor ao governo e suas medidas intimidadoras. Seguindo uma tradição familiar, era anarquista e exercia, junto aos colegas, um forte espírito de liderança. Daquele grupo de sexagenários, o único que o conhecia era Lolo Garmendia. O objetivo de Pedro Nolasco González e Lolo Garmendia era compartilhar um plano com os convidados Lucho Arancibia e Cacho Salinas, a fim de executarem uma última ação revolucionária: assaltar um “banco”. No entanto, uma ação inesperada ocorre, pois Pedro Nolasco, enquanto se dirigia para encontrá-los, é surpreendido por um golpe na cabeça e cai morto na calçada. Trata-se de um toca discos lançado do alto da janela de uma casa. Nolasco não sabia, mas estava passando em frente à residência de um homem que, na juventude, também havia sido um militante de esquerda: Coco Aravena.

Em uma briga de casal, a esposa de Coco Aravena, Concepción García, joga um toca-discos pela janela que dava para a rua, do prédio onde moravam. O equipamento, jogado com tanta raiva, acerta Nolasco, causando a sua morte. Coco Aravena desce as escadas para verificar como está aquele sujeito caído na calçada. Não o conhece. Do desconhecido, Coco Aravena pega os documentos e uma arma. Seu plano era manter silêncio sobre o ocorrido e, caso a polícia viesse a sua casa, alegar que ela fora invadida por ladrões. Assustado, Coco Aravena faz até um boletim de ocorrência de furto para que a sua declaração tenha mais credibilidade. Junto aos pertences do desconhecido, há um endereço. Movido pelo medo e

curiosidade, vai até o endereço, o qual dá, justamente, na oficina mecânica desativada pertencente à Lucho Arancibia. Chegando lá, Coco Aravena reconhece Cacho Salinas, Lolo Garmendia e Lucho Arancibia, dos tempos de juventude e militância. Os dois ainda esperam por Pedro Nolasco González e não entendem como o intruso do Coco Aravena havia chegado ali.

Ao mesmo tempo em que entrega a arma que pertencia a Pedro Nolasco González, Coco Aravena revela ao grupo o acidente com o toca-discos lançado pela janela. A presença de Coco Aravena ali não era algo com que os demais concordariam a princípio, pois, apesar de todos eles terem se oposto ao governo ditador, tiveram algumas divergências com Coco Aravena no passado, o qual tinha algumas posturas ideológicas diferentes. Após algum tempo, os antigos militantes acabam por deixá-lo juntar-se à reunião e aos planos daquela noite. Conversam a noite inteira. Era uma madrugada de muito frio e chuva. Muitas memórias vêm à tona, trazendo as tristes lembranças da perseguição política. Motivados por Garmendia, os personagens decidem, mesmo sem a liderança do finado Pedro, levar o plano adiante. Em poucas horas, a manhã de 16 de julho de 1998, em Santiago, seria palco da vingança derradeira daqueles quatro homens revolucionários, já marcados pela idade.

Enquanto os sexagenários passam a madrugada conversando e planejando o último ataque, os investigadores da polícia chegam à casa de Coco Aravena. Sua esposa não consegue manter a mentira e confessa ser a culpada de lançar pela janela o toca-discos que matou aquele desconhecido. Esses investigadores são o inspetor Manuel Crespo, um homem com muitos anos de experiência na corporação, e a jovem detetive Adelita Bobadilla. Ao contrário do inspetor, a detetive Adelita é jovem e faz parte da primeira geração de policiais fora do âmbito da polícia torturadora da ditadura, pois, na década de 1970, essa geração ou ainda não tinha nascido ou era formada por crianças ainda muito pequenas.

Pelo exame das digitais, o inspetor Manuel Crespo confirma que o morto se trata de Pedro Nolasco González, um antigo foragido da polícia chilena nos tempos de ditadura. O inspetor passa a madrugada em claro, tentando descobrir o que causou a morte de Pedro Nolasco. Quando o inspetor interroga Concepción Garcia, essa lhe revela toda a verdade. Neste momento, para o investigador, a dúvida que mais precisa de resposta é descobrir onde está Coco Aravena e o que ele pretende fazer com a arma do falecido.

A figura do anarquista desperta, por sua vez, muitas lembranças no inspetor. Apesar de fazer parte da velha corporação policial, o inspetor não havia compactuado com a perseguição política e policial que houve nos tempos de ditadura. Naquela madrugada, passa a compartilhar com Adelita Bobadilla uma série de experiências e memórias da sua juventude

passadas naquela corporação, além de lhe explicar quem era Pedro Nolasco González. O inspetor deixa a detetive em casa às 2h00 da manhã, mas volta para o seu trabalho tentando imaginar o que o falecido havia tramado para aqueles dias. É quando o inspetor enxerga um calendário e se assombra. Aquela madrugada já era 16 de julho de 1998, o mesmo dia e mês que o avô de Pedro Nolasco González – Pedro Nolasco Arratia Urrutia – havia assaltado a agência *Matadero del banco de Chile*, em 1925. Coincidências?!<sup>4</sup>

Às 5h00 da manhã do dia 16 de julho, os quatro senhores deixam a oficina para colocarem em ação o plano idealizado pelo finado Pedro Nolasco González. O plano era se apossar de quase meio milhão de dólares que havia pertencido a um banqueiro corrupto do início da década de 1970. Tratava-se de um dos representantes da direita que, para desestabilizar o governo do presidente eleito Salvador Allende, no ano de 1971, sacava divisas de maneira ilegal do país para depositar em bancos no exterior. O banqueiro não teve tempo de transportar o dinheiro. Morreu engasgado comemorando o golpe de Pinochet. Pouco antes, havia escondido o dinheiro na parede de uma loja de peças de porcelana. Desde então, o local já havia sido salão de beleza, agência de viagens, perfumaria e agora um *café con tetas*. Pedro Nolasco González sempre soube do banqueiro e do dinheiro escondido e, há cerca de dois meses, vinha instruindo Lolo Garmendia sobre a sua localização.

Às 5h55 da manhã, os quatro homens invadem o café e encontram a maleta de dinheiro envolta em um saco plástico. Às 7h30 da manhã, deixam o estabelecimento, andando tranquilamente pelas ruas de Santiago. Coco Aravena segue para sua casa. Sua esposa estava saindo para se apresentar, oficialmente, à polícia. O esposo a acompanha e entrega ao inspetor a arma de Pedro Nolasco González. Nada comenta sobre o encontro com Cacho Salinas e Lolo Garmendia, muito menos sobre a maleta de dinheiro que encontraram no *café con tetas*.

O inspetor sente, ao fim, pena de Concepción García e Coco Aravena, pois entende que tudo não passou de uma causalidade. Além do mais, no raciocínio do inspetor Manuel Crespo, se o caso for levado adiante, os dois passarão meses presos até serem julgados. Para o inspetor, isso não é justo, pois há pessoas realmente criminosas e assassinas, dos tempos da ditadura, que desfrutaram de grande liberdade. Outro fator que pesa para o inspetor não indiciar o casal é o exame da arma de Pedro Nolasco González. Por meio dessa investigação, o inspetor descobre que Pedro pretendia se matar, assim como seu avô havia feito, com aquela

---

<sup>4</sup> A história se passa na madrugada de 16 de julho 1998. Provavelmente, essa data não foi escolhida por Sepúlveda por acaso, pois naquela madrugada se completava 73 anos do primeiro assalto a banco no Chile, levado a cabo por um grupo de anarquistas espanhóis (OLEA, 2012). Em 16 de outubro de 1998, Pinochet seria preso em Londres.

mesma arma. Aqui, o inusitado: mesmo que Concepción Garcia não tivesse lançado o toca-discos pela janela, Pedro já estaria morto naquela manhã, mas por meio do suicídio. Adelita Bobadilla entende à posição do inspetor e assente com a decisão de liberar o casal.

Enquanto isso, longe daquela delegacia de polícia, por volta das 9h00 da manhã, Lolo Garmendia, Lucho Arancibia e Cacho Salinas encontram uma carta deixada pelo finado Pedro Nolasco, dentro da maleta. Na carta, Pedro Nolasco González dirige-se a Lolo Garmendia e explica que, àquela hora, já haveria se matado. Além disso, dá orientações sobre como os companheiros devem gastar o dinheiro, *casi medio millón de dólares en billetes de cincuenta y de cien*. Explica também que, naquele exato momento, a polícia já está no mesmo *café con tetas*, mas agora em busca de outro guardado, pois havia feito chegar à polícia uma denúncia com a informação para se chegar a uma caixa repleta de documentos capazes de incriminar militares, já aposentados, que cooperaram com a ditadura. Trata-se de um relatório de subornos e assassinatos, entre outros crimes. A narração termina assim, com uma sensação de vingança e dever cumprido. Vingança, não no intuito de devolver o dano causado com a mesma intensidade com que o sofreram, mas no sentido militante de luta e resistência, de não se darem por vencidos.

Vale esclarecer que o título que dá nome à obra faz referência a uma mente revolucionária, mas que habita um corpo já cansado pela velhice. Logo, a projeção das memórias desses personagens alude a uma luta perdida, mas não resignada. Aqueles homens e antigos militantes de esquerda já não são mais *la Joven Guardia*, senão anciãos cansados e envoltos da reminiscência do que, algum dia, poderiam ter sido. No início da obra, ainda sozinho em sua casa, Pedro Nolasco González olha-se no espelho. A imagem refletida traz um passado de luta:

*<<Así pues, soy nieto de un pionero>>, pensó el veterano, y antes de abandonar la casa se miró al espejo. Iba enteramente vestido de negro, la americana era amplia y no delataba el bulto del revólver bajo el sobaco izquierdo. En los bolsillos no llevaba más que unas monedas y una hoja de bloc con un número de teléfono.  
– Soy la sombra de lo que fuimos y mientras haya luz existiremos – murmuró antes de cerrar la puerta (SEPÚLVEDA, 2009, p. 15).*

O corpo já não responde com a mesma destreza. Aqueles companheiros de militância do passado se observam em suas mudanças físicas, mais de três décadas após terem sido dispersos pela perseguição política imposta por Pinochet: *“los cuatro hombres se miraron. Más gordos, más viejos, pelados y con la barba encanecida, proyectaban todavía la sombra*

*de lo que fueron*” (SEPÚLVEDA, 2009, p. 143). Naquele momento, eles se veem como a sombra do que já tinham sido um dia. Talvez o corpo físico já não consiga agir com a mesma destreza e habilidade, mas as suas mentes ainda são revolucionárias.

### 3. Tornar a passar pelo coração. Recordar

Na obra em estudo, as recordações formam parte de um objeto muito interessante de análise, pois, como já exposto anteriormente, o objetivo desse trabalho é demonstrar que em *La sombra de lo que fuimos* a elaboração da memória do período ditatorial chileno se dá (não desprezando muitos outros elementos possíveis), a partir do compartilhamento de recordações que, ficcionalizadas, reforçam o aspecto, sobretudo, traumático das experiências vividas no período. Como afirma Le Goff:

*El recuerdo es la materia prima de la historia. El recuerdo representa, en el espíritu, en la palabra o en la escritura, la fuente de la cual bebe el historiador. (...) Asimismo, el recuerdo nutre por su parte a la disciplina y con ello entra en el gran proceso dialéctico del recordar y el olvidar que viven los individuos y las sociedades. El historiador está allí además para rendir cuentas sobre el recordar y el olvidar, para transformarlos en un tema aprehensible y para convertirlos en un objeto epistemológico (LE GOFF apud Erll, 2012, p. 56).*

De forma semelhante, para a pesquisadora de literaturas e culturas na Universidade de Frankfurt, Astrid Erll (2012, p. 10), a recordação possui duas características centrais, sendo elas: sua relação com o presente e seu caráter construtivo. A recordação está relacionada ao presente, uma vez que não é cópia objetiva de uma realidade passada. As recordações se dão conforme as necessidades e interesses do presente. A partir do presente, são selecionados os dados que serão lembrados do passado e que constituirão a memória. Para a autora (2012, p. 10), “*el recuerdo individual y el colectivo nunca han sido por cierto un espejo del pasado, sino un indicio de gran valor informativo sobre las necesidades e intereses de los que recuerdan en el presente*”. Nesse sentido, o interesse maior desta investigação não recai, necessariamente, sobre o passado recordado, mas sim sobre esse presente que escolhe, seleciona e reagrupa as recordações.

Para o psicanalista Ernest G. Schachtel (*apud* FERREIRA, 2006, p. 16), “a memória pode ser entendida como a capacidade de organizar e reconstruir as experiências e impressões

passadas a serviço das necessidades, dos temores e dos interesses atuais ou antecipatórios”. Na explicação de Ferreira (2006, p. 16), a memória é “a capacidade de adquirir, reter e recuperar informação para uso oportuno, que se manifesta por meio da possibilidade de respostas flexíveis aos estímulos ambientais”. Nas palavras da professora de estudos literários, Aleida Assmann (2011, p. 172), “a memória é o armazenador de onde a recordação se serve, seleciona, atualiza”. No que se refere à recordação, Erll, por sua vez, esclarece que:

*El recuerdo se comporta de manera selectiva: de la multiplicidad de acontecimientos, procesos, personas y medios del pasado elige algunos elementos. Estos procesos de elaboración se evidencian en muchos medios y prácticas de la cultura del recuerdo y, sobre todo, también se los encuentra en la literatura (ERLL, 2012, p. 198).*

Esses apontamentos são importantes, pois se observa em *La sombra de lo que fuimos* um nítido trabalho de resgate de recordações, em sua maior parte, dolorosas. Quando se compreende que, por meio desta ficção, a recordação atende a uma necessidade do presente, e que é esse presente quem seleciona os fatos do passado que serão lembrados e que constituirão a memória, deparamo-nos com a seguinte questão: a qual necessidade do presente *La sombra de lo que fuimos* atende ao selecionar recordações que trazem novamente à tona sentimentos dolorosos decorrentes do período ditatorial chileno?

Etimologicamente, o termo recordar vem do latim *recordis* – *re*, de “novamente”, *cordis*, de “coração”. É nesse sentido que, de forma poética, o escritor uruguaio Eduardo Galeano (2015, p. 11), em “O livro dos abraços”, interpretou o termo a partir da ideia de “tornar a passar pelo coração”. Em outras palavras, mais do que o resultado de trocas químicas da nossa mente, a recordação passa pelo coração, o qual, como sabemos, está culturalmente associado à representação simbólica dos sentimentos e emoções. Claro que não apenas isso, mas o que encontramos em muitas das literaturas latino-americanas em tempos de ditadura é, especialmente, o ato de recordar. Nesse ato de recordar ou “tornar a passar pelo coração”, se sobrepõem as emoções de dor e sofrimento. Em *La sombra de lo que fuimos*, isso não é diferente. Considerando as colocações de Schachtel, Ferreira e Erll, esse constante repassar pelo coração estaria a serviço de alguma necessidade, temor e interesse atual? De quem? Seria para algum uso oportuno ou resposta a algum estímulo? Vejamos a seguinte passagem extraída da narrativa em estudo:

*Regresó al crucigrama. Seis letras, ciudad del País Vasco – Bilbao, siempre sale. ¿Por qué no ponen palabras inteligentes que tengan que ver con nosotros? Por ejemplo: diez letras, campo de concentración en el que si te sacaban de noche no regresabas nunca. Puchuncaví. Ocho letras, lo que sientes cuando tus viejos van a verte a la cárcel y te dicen que tu hermano Juan ha muerto acribillado a tiros en un basural. Tristeza. Seis letras, qué sientes si al abrir un agujero en la tierra encuentras tres esqueletos con las manos atadas a la espalda y uno lleva los zapatos de tu hermano Alberto. Bronca* (SEPÚLVEDA, 2009, p. 35).

Chove e faz muito frio. A noite cai. Lucho Arancibia tem em mãos um exemplar do jornal chileno *El Mercurio* – jornal de grande circulação e que apoiou a ditadura no tempo de Pinochet. Como de costume, resolve um jogo de palavras-cruzadas. Ele está sozinho em seu velho galpão, onde décadas antes havia funcionado a oficina mecânica *Arancibia Hermanos*. Enquanto ele se distrai com o passatempo, vêm a sua lembrança as imagens dos seus irmãos Juan e Alberto, além do pai e da mãe chamando-os para o jantar. Com o desenrolar do romance é que o leitor descobre que os irmãos Juan e Alberto, há anos, haviam sido assassinados pelas forças repressoras da ditadura. Esse cenário e essas lembranças tão antigas antecedem a passagem acima. Assim, Lucho Arancibia se indigna com aquele jogo de palavras-cruzadas, cujo enigma contempla termos tão recorrentes como *sopaipilla*, *sopaipilla pasada*<sup>5</sup> ou Bilbao.

As recordações das suas experiências traumáticas, passadas no âmbito da ditadura militar chilena, o faz crer que esses termos podem perfeitamente ser substituídos por outros que, a seu ver, têm mais relação com a história do Chile, tais como *Puchuncaví*<sup>6</sup>, *Tristeza* e *Bronca*<sup>7</sup>. Mesmo em um momento de descontração, como em um jogo de palavras-cruzadas, perdas e recordações tristes de experiências vividas durante o governo ditatorial vêm-lhe à memória. Como argumenta Homi Bhabha (2007, p. 85), “*recordar nunca es un tranquilo acto de introspección o retrospección. Es una dolorosa remembranza [re-membering], una reunión del pasado desmembrado para darle sentido al trauma del presente*”. Todavia, aquele momento era diferente dos demais, pois logo mais, após três décadas de separação, Lucho Arancibia se reencontraria com seus antigos colegas de militância para colocar em ação uma tentativa de retaliação contra os causantes do seu sofrimento. Respondendo a uma

<sup>5</sup> *Sopaipilla pasada* ou simplesmente *sopaipilla* é uma espécie de pão frito, muito comum na culinária chilena.

<sup>6</sup> *Puchuncaví*, citado por Arancibia nessa passagem, é uma cidade no Chile, mais precisamente na Província de Valparaíso. No governo do ditador Augusto Pinochet, abrigou o *Campo de Concentración Melinka*, no período de 1973 a 1976.

<sup>7</sup> A palavra em espanhol *bronca* está relacionada ao ato de brigar, reclamar, discutir e protestar por não se estar de acordo sobre uma determinada situação. O Dicionário Señas (2013, p. 180) apresenta, entre outras, a seguinte definição para *bronca*: “*enfrentamiento entre dos o más personas por no estar de acuerdo sobre una circunstancia o idea. (...) Protesta o muestra de enfado mediante gritos (...)*”.

necessidade do presente, era como se a sua mente trouxesse do sótão as recordações e reorganizasse as que dariam sentido àquele ato. Isso nos remete a Assmann ao dizer que:

O sótão é um retrato vivo para a memória latente: desarrumado, negligenciado, os objetos ali, espalhados ao redor. Elas estão lá simplesmente, como velharias, coisas descartadas e negligenciadas, sem finalidade e objetivo. Como as velharias, também as recordações latentes existem em um estado intermediário, de onde incidem na escuridão do pleno esquecimento, ou podem ser resgatadas para a luz da rememoração (ASSMANN, 2011, p. 274).

O plano de vingança que logo mais seria executado pelo grupo de amigos, do qual Lucho Arancibia faz parte, pode ser configurado como parte do processo que Schachtel (*apud* FERREIRA, 2006, p. 16) e Ferreira entendem como memória, ou seja, como organizadora de experiências passadas em resposta a uma necessidade atual e até mesmo antecipatória. Aquelas recordações, se algumas latentes no sótão, se manifestam agora e se reorganizam respondendo a uma necessidade oportuna daquele presente: por em prática uma última ação revolucionária. Certamente, apoderar-se de quase meio milhão de dólares, que havia pertencido a um articulador do golpe de Pinochet, não responderia, à altura, o dano que lhes foi imputado, mas era, na medida do possível, uma forma de reação que ganhava sentido com a recordação.

#### **4. Os estabilizadores da recordação e suas funções na literatura de Sepúlveda**

O que faz com que uma recordação permaneça ao longo do tempo? Para Assmann (2011, p. 267), o caráter volátil e incerto da recordação exigiu, de pessoas de todos os tempos e culturas, que desejaram a permanência de recordações, o que a autora chama de “estabilizadores da recordação”. Tais estabilizadores englobam “desde mnemotécnicas objetivas e visuais até a escrita”. No que concerne à escrita, poderíamos até arriscar a dizer que a memória das experiências dolorosas da ditadura chilena está significativamente presente devido, pelo menos em parte, à produção literária de pessoas como Luis Sepúlveda que, usando a literatura como espaço alternativo de memória, exercem o papel de manter essas recordações manifestas, que movimentam esse trabalho de “tornar a passar pelo coração” (recordar).

Para Assmann, há quatro elementos estabilizadores da recordação: a língua, o afeto, o símbolo e o trauma. Em *La sombra de lo que fuimos*, podemos identificar esses quatro elementos estabilizadores, reforçando a nossa hipótese de que a obra em estudo pode ser vista como um recurso auxiliador da memória acerca da última ditadura cívico-militar chilena, particularmente aquelas recordações que reforçam o caráter traumático do período. Iniciemos com a questão da língua:

A língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que de algo que nunca tenha sido formulado na linguagem natural. Quando ocorre a verbalização, não nos lembramos mais dos acontecimentos em si, mas da nossa verbalização deles. (...) Pela língua, recordações individuais são estabelecidas e socializadas (ASSMANN, 2011, p. 268-269).

Assmann explica que a língua age como estabilizador da memória quando ocorre a verbalização da recordação. Quanto mais falarmos sobre um acontecimento, menores serão as chances de se esquecê-lo. Na obra em estudo, podemos identificar essa verbalização em vários momentos, especialmente nas passagens em que as recordações dos antigos militantes de esquerda são acalentadas pelo vinho e compartilhadas em torno da fogueira, bem como nas recordações divididas pelo inspetor Manuel Crespo com Adelita Bobadilla, a jovem e recém-iniciada na carreira de detetive. É como se a recordação verbalizada funcionasse como um elemento atualizador da memória. Além disso, o próprio romance estudado em si é a verbalização de alguém. Por trás dessa obra, está um escritor que vivenciou a ditadura, o que certamente se reflete na sua escrita ao tocar de forma ficcionalizada suas marcas invisíveis no presente. Em outras palavras, o autor recorre à ficção como forma de verbalizar sua própria perda. A língua é a ferramenta para conseguir viver com isso, trazer para fora aquilo que há tanto tem revolido dentro de si. A partir da língua, muitas vezes se desenham os outros estabilizadores de recordação, entre eles o afeto.

No que se refere ao afeto, vejamos a seguinte passagem que narra o reencontro de Cacho Salinas e Lolo Garmendia:

*Lolo Garmendia dejó la bolsa de pan junto a los pollos, se quitó el impermeable chorreante y enseguida se encontró con la mirada de Cacho Salinas. Imaginaba lo que el otro pensaba al verlo con treinta kilos de más, algo más de un kilo por cada uno de los años que los habían separado. Y calvo, por añadidura, despojado para siempre de la pelambrea de black panther que tantos suspiros arrancaba entre las*

*compañeras. Pero el hombre que tenía enfrente tampoco era el mismo del que se despediera con un abrazo aquel martes II de septiembre del 73.*  
 — *Putas que estamos viejos, Lolo — saludó Salinas.*  
 — *Y tú con esa barba de Santa Claus — respondió Garmendia, y los dos hombres se fundieron en un abrazo* (SEPÚLVEDA, 2009, p. 68).

O último abraço entre Lolo Garmendia e Cacho Salinas havia ocorrido em 11 de setembro de 1973. Após 25 anos de distância, reconheceram-se mais gordos, velhos e calvos, mas a amizade e a cumplicidade em fazer do Chile um país melhor se manteve imune ao passar dos anos. O abraço afetuoso daqueles dois ex-militantes era só o início de uma longa noite marcada por recordações. Assmann afirma que o afeto desempenha um papel central na história da mnemotécnica.<sup>8</sup> Cacho Salinas fica tocado ao saber do assassinato dos irmãos de Lucho Arancibia, ocorrido há muitos anos. Para Lucho Arancibia, a morte dos irmãos era a representação de quão devastadora foi a ditadura chilena. Tocado e capaz de empatia, Cacho Salinas pode compreender a dor do seu velho amigo. Empatia tem que ver com afeto, que por sua vez, está relacionado à capacidade de projetar sobre o outro seus melhores sentimentos e emoções. Neste caso, a compaixão de Cacho Salinas, oferecida pelo sofrimento de Lucho Arancibia. A seguir, a respectiva passagem da obra:

*¿Qué pasó después de despedirnos? — consultó Salinas.*  
*Me quedé en Santiago, lo pasé mal, las casas de seguridad cayeron una tras otra y finalmente me salvó la familia de Lucho. Gente buena, valiente. Aunque los dos hermanos de Lucho estaban presos, me acogieron y escondieron hasta que pude salir del país. En el exilio me enteré de que a los dos los asesinaron.*  
 — *Lo siento, Lucho, no lo sabía — indicó Salinas* (SEPÚLVEDA, 2009, p. 73).

Falar de afeto é falar de afetividade, ou, como indica Houaiss (2001, p. 102), da “tendência ou capacidade individual de reagir facilmente aos sentimentos e emoções” ou ainda, do sentimento de afinidade em relação ao outro. Ter afeto requer a existência do outro, e na relação com esse outro, ter-lhe um sentimento de estima, profunda consideração e ligação. E o mais importante para o objetivo desse trabalho: a partir de Rousseau, Assmann explica que o afeto funciona como estabilizador de memória, pois há certas recordações que permanecem por estarem ancoradas a uma cadeia de sentimentos. Assmann cita o trabalho de Jean Starobinski, para o qual “o sentimento é o centro indestrutível da memória” (STAROBINSKI *apud* ASSMANN, 2011, p. 271). Em outras palavras, o afeto auxilia no

---

<sup>8</sup> A mnemotécnica está relacionada à “arte e técnica de desenvolver e fortalecer a memória mediante processos artificiais auxiliares (...) que ajudam a memória” (FERREIRA, 2010, p. 1407).

processo de atualização da memória. Em *La sombra de lo que fuimos*, é possível encontrar mais exemplos desse afeto capaz de desencadear uma série de recordações, como na seguinte passagem:

*El vendedor le indicó una de las tres mesas cubiertas con manteles de plástico y abandonó el mostrador portando una botella de vino y dos vasos. Sirvió, los dos hombres se miraron fugazmente a los ojos y descubrieron las mismas sombras, las mismas ojeras, el mismo glaucoma histórico que les permitía ver realidades paralelas o leer la existencia contada en dos líneas narrativas condenadas a no coincidir: la de la realidad y la de los deseos. Los naufragos del mismo barco tienen un sexto sentido que les permite reconocerse, como los enanos (SEPÚLVEDA, 2009, p. 20).*

Essa passagem narra a conversa entre Cacho Salinas e o desconhecido vendedor de frangos. Devido à forte chuva que caía, Cacho Salinas se detém no estabelecimento comercial. O desconhecido e mal-humorado vendedor, inesperadamente, o convida para se sentar e compartilhar um vinho. Aqueles dois homens eram desconhecidos, mas, de alguma forma, estavam unidos pelas experiências do passado político chileno. Só quando se olham atentamente, reconhecem nos olhos um do outro o mesmo passado de luta e militância política. “*El vendedor había sido, y era, comunista*” (SEPÚLVEDA, 2009, p. 20). Assim como Cacho Salinas, também passou longos anos no exílio. Quem era esse vendedor? Não sabemos nem ao menos o seu nome. O narrador não cita. Provavelmente, Cacho Salinas prossegue seu caminho sem se interessar em saber. Pode ser um indicativo de que, assim como aquele vendedor desconhecido de olheiras escuras, há muitos outros que sofreram dificuldades semelhantes em termos de perseguição política e exílio. Nomes que não entraram para os livros de História do Chile, mas que, mesmo assim, fazem parte dela. Pode ser também um indicativo de que revolucionários, mesmo que nunca tenham se visto, saberão se reconhecer, sentindo-se próximos um do outro pela dor.

Quando finalmente os olhares se cruzam, a capacidade de afeto de ambos os fazem perceber que, por trás daqueles glaucomas e olheiras carregadas, havia um passado traumático em comum. O afeto, entre Cacho Salinas e o vendedor de frangos, é imediato. Isso provém da capacidade de reconhecer o outro e de enxergar, nesse outro, a si mesmo. O *sexto sentido*, colocado pelo narrador para explicar esse pronto reconhecimento, pode ser aqui compreendido, entre outros caminhos possíveis, em torno da ideia de sensibilidades, tão bem explorada por Pesavento (2005, p. 57) e definida como “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade

através das emoções e dos sentidos”. A autora esclarece que estudar sensibilidade não é o mesmo que tentar sentir a mesma emoção do sujeito histórico, mas tentar explicar como foi a sua experiência sensível a partir dos rastros deixados, sendo mais uma forma de fornecer ao historiador certas representações, reações e mobilizações do tempo passado.

Ainda em termos de afeto, outro fator importante de ser observado são os laços de solidariedade para se combater aqueles que, de alguma maneira, causaram-lhes tantos danos. É possível constatar essa ocorrência na seguinte fala de Lucho Arancibia:

*(...) La única lección que me dejó la derrota es que nosotros mismos formamos una poderosa quinta columna, la del sectarismo. Propongo invocar al espíritu de los mineros asturianos del 34 – dijo Arancibia (SEPÚLVEDA, 2009, p. 131).*

Em sua fala, Arancibia refere-se a si e ao grupo do qual fez parte como uma coluna poderosa: a do sectarismo. Com a derrota, a relação que eles estabelecem com o poder, partindo dos sentidos conferidos à palavra sectarismo, é de resistência, intransigência e postura de quem defende obstinadamente seu posicionamento ideológico. Como considerado por Ansart:

*(...) os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade, são um fator eminente de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo, e suas expressões, as manifestações (as ‘explosões de sentimentos’, como diz Nietzsche) podem ser gratificantes. O ódio recalcado e depois manifestado cria uma solidariedade afetiva que, extrapolando as rivalidades internas, permite a reconstituição de uma coesão, de uma forte identificação de cada um com seu grupo (ANSART, 2004, p. 21-22).*

O símbolo é outro elemento apresentado por Ansart como estabilizador da memória. Particularmente, podemos entendê-lo como um objeto, uma figura, uma pessoa ou outro elemento que podemos associar e remeter a uma recordação durável. Isso remete a uma passagem bem-humorada de *La sombra de lo que fuimos*. O narrador abre o segundo capítulo da obra dizendo que “*Cacho Salinas odiaba los pollos, las gallinas, los patos, los pavos, todo bicho que tuviera plumas (...)*” (SEPÚLVEDA, 2009, p. 17). Cacho Salinas explica que o seu ódio aos frangos se deu por uma ocupação da ultraesquerda, da qual ele fez parte, realizada no ano de 1971. Ele foi nomeado pelos membros da organização como interventor de uma avícola. Ao terceiro mês, a ocupação se mostrou um desastre quando os ocupantes da fábrica de ração decidiram não liberar mercadoria para a avícola. Os bichos, famintos, passaram a se

picotar e praticar o canibalismo. Para Cacho Salinas, os frangos se transformaram em símbolo que, por sua vez, remetia a lembranças e dificuldades de articulação do movimento de esquerda. As ideias socialistas se mostravam aplicáveis na teoria, mas, ao serem colocadas em prática, poderiam tomar rumos indesejáveis, diante da falta de articulação de determinadas lideranças.

O último estabilizador da memória, na visão de Assmann, é o trauma. Para a autora (2011, p. 265), “podemos caracterizar o trauma como uma escrita duradoura do corpo”. Assmann (2011, p. 283) sintetiza o trauma como aquilo que transforma o corpo em área de gravação. Além do sofrimento psicológico, as marcas físicas no corpo chamam a atenção em *La sombra de lo fuimos* por também instigar a pensar a relação entre corpo e memória. Para Assmann (2011, p. 263), Nietzsche trouxe consequências importantes para o conceito de memória quando “declarou como superfície da escrita o corpo susceptível e vulnerável, e não mais o coração e a alma” – uma exclusividade suscetível de questionamento –, de forma que essa mesma “memória está coberta com uma escrita cultural, inscrita no corpo de forma direta e inextinguível (...) [associando-a], pela primeira vez, a instituições de poder e violência”. Acercando-nos da questão do trauma presente em *La sombra de lo que fuimos*, vale trazer o seguinte pensamento de Lucho Arancibia:

*No. No eran la Joven Guardia. La juventud se había quedado diseminada en cientos de lugares, arrancada a jirones por los golpes de picana eléctrica en los interrogatorios, sepultada en fosas secretas que lentamente aparecían (...)* (SEPÚLVEDA, 2009, p. 38).

Arancibia fazia parte de uma geração que trazia em seu corpo as marcas da ditadura. A palavra *jirones*, em espanhol, pode ser entendida em português como farrapos, retalhos de roupas (MICHAELIS, 2007, p. 229). Já, *picana eléctrica* é uma espécie de arma de choque, cujo uso foi largamente aplicado nas ditaduras do sul do continente americano. Segundo Palacios (ESTADÃO, 2009), esse instrumento inicialmente era usado para assustar o gado, mas foi adaptado como instrumento de tortura em humanos pelo argentino Leopoldo Lugones Hijo. “Aplicado a seres humanos, tornou-se instrumento preferido de tortura na Argentina”. Sua filha e militante de esquerda, Susana ‘Piri’ Lugones, foi morta com o invento criado pelo próprio pai torturador. Arancibia faz, portanto, referência a uma juventude passada tão castigada que suas roupas se transformavam em retalhos. Uma juventude da qual ele próprio havia feito parte. Em mais uma passagem, Arancibia relata a violência imposta pela ditadura,

dessa vez mostrando como a violência física está atrelada a problemas de ordem psicológica e dificuldades de relacionamento social, dos quais ele era o próprio exemplo:

*Yo hablo solo, Cacho. Los milicos me fundieron un plomo y hablo solo. A veces voy por la calle y empiezo a discutir conmigo mismo, la gente me mira, algunos se cagan de la risa, otros me hacen demostraciones de lástima, pero no me importa. ¿Qué mujer se juntaría con un tipo que habla solo?* (SEPÚLVEDA, 2009, p. 41).

Assmann observa que Nietzsche desenvolveu a tese da ‘dor como o acessório mais poderoso de mnemotécnica’. Para provar a sua tese, Nietzsche mostra como se cria uma memória para o animal humano de modo que essa memória permaneça. Sua resposta foi que ‘marca-se a fogo [lembramo-nos da *picana eléctrica*], e com isso alguma coisa ficará na memória; **só o que não termina, o que dói, fica na memória**’ (NIETZSCHE *apud* ASSMANN, 2011, p. 263, grifo meu). A esse respeito, Assmann chega à seguinte conclusão:

Assim, em um sentido amplo também devem contar como inscrições culturais do corpo as agências de socialização e os institutos da disciplina e da punição, para os quais importa inculcar nas pessoas determinados valores e normas de convívio (...) e mantê-los presentes por meio de uma memória (ASSMANN, 2011, p. 263-264).

Outro autor abordado por Assmann, sobre a relação entre corpo e memória, é o antropólogo francês Pierre Clastres. A seu respeito, Assmann explica que “ele faz valer a ideia de que uma memória corporal se fixa, **mesmo depois do alívio da dor**, em traços e cicatrizes” (PIERRE CLASTRES *apud* ASSMANN, 2011, p. 264, grifo meu) e cita a seguinte afirmação do autor:

Depois da iniciação, quando já ficou esquecida a dor, ainda resta algo, um resíduo irreversível, os vestígios que a faca ou a pedra deixam no corpo, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado (...). As marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é memória (CLASTRES *apud* ASSMANN, 2011, p. 264).

Nas palavras de Assmann (2011, p. 265), “a memória corporal de feridas e cicatrizes é mais confiável do que a memória mental. Embora esta se esfacele na velhice, o que é de se esperar, aquela nada terá perdido a sua força”. Seria como dizer que a cicatriz no corpo não oscila, gerando uma recordação permanente. A certa altura de *La sombra de lo que fuimos*, o

narrador faz referência às cicatrizes, já não apenas de Lucho Arancibia, mas da sociedade chilena como um todo, ao dizer: “*la lluvia continuaba cayendo con furia, pero no importaban ni el frío, ni la noche, ni la certeza de que al otro lado del portón estaba la ciudad hostil llena de cicatrices de lo que una vez había sido*” (SEPÚLVEDA, 2009, p. 131). Aqui, as cicatrizes que pareciam ter uma conotação apenas individual, talvez possam expressar uma proporção muito mais complexa e coletiva na sociedade chilena.

## 5. A experiência do exílio e suas implicações

A história do Chile é também uma história de exílios. Com a redemocratização a partir do final da década de 1980, houve um impulso na reconstrução das experiências exilares, sobretudo, no campo das artes, cinema e literatura. *La sombra de lo que fuimos* é um exemplo de como uma narrativa literária pode atuar como mecanismo de formação da memória acerca dos aspectos mais traumáticos relacionados ao período ditatorial no país. Em sua narrativa, elabora-se uma memória que evidencia o sofrimento que acompanha aquele que passou pela experiência do exílio.

Logo após a subida de Pinochet ao poder, “*el exilio por motivos de orden político entró en acción inmediatamente, afectando a miles de personas, muchas de las cuales, antes de hacer abandono del país, sufrieron prisión política y tortura*” (INSTITUTO NACIONAL DE DERECHOS HUMANOS. Informe de la Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura, 2005, p. 162). A partir dos estudos das historiadoras argentinas, Marina Franco e Pilar González, o pesquisador de estudos literários, Pablo Yankelevich, destaca que a especificidade do exílio está centrada no caráter político. Insere-se no âmbito dos movimentos migratórios, mas possui algumas especificidades, entre elas, o fato de que “o exilado atravessa uma não desejada ruptura com sua cultura de origem, enquanto o imigrante a deixou voluntariamente, com o desejo de ser aceito como membro de uma nova sociedade” (YANKELEVICH, 2011, p. 40). Enquanto o exilado tem o seu retorno proibido pelas autoridades do país de origem, o migrante pode retornar quando desejar.

Tecnicamente, o exílio é definido como uma “(...) 1. Expatriação, forçada ou voluntária; degredo, desterro. 2. O lugar onde reside o exilado. 3. (...) Lugar afastado, solitário, ou desagradável de habitar.” Já a ação de se exilar está relacionada ao ato de “1.Mandar para o exílio; expulsar da pátria; expatriar, desterrar, banir (...) 2. Expulsar de casa. (...) 3. Afastar,

apartar, arredar (...) 4. Condenar-se a exílio voluntário; expatriar-se. 5. Afastar-se do convívio social” (FERREIRA, 2010, p. 898). Já em relação ao exilado, a pesquisadora de literatura latino-americana, Glória da Cunha-Giabbai (*apud* ZAPATERO, 2008, p. 437), o descreve como “*una persona que se ve obligada a salir o a permanecer fuera de su país a raíz de un bien fundado temor a la persecución – o a la simple imposibilidad de disfrutar de sus derechos individuales – por motivos de raza, credo, nacionalidad o ideas políticas*”. De forma geral, o exílio carrega uma conotação bastante negativa.

Para o professor de Teoria da Literatura na Universidade de Salamanca, Javier Sánchez Zapatero<sup>9</sup> (2008, p. 445 e 446, respectivamente), “*los escritores exiliados asumen como tarea vital la defensa de la memoria histórica de un tiempo condenado al olvido o a la deformación revisionista en los países que hubieron de dejar*”. Além disso, o autor observa que “*la recuperación de la memoria histórica está vinculada de forma intrínseca a la predisposición al testimonio de los autores exiliados*”. Considerando as colocações de Sepúlveda na entrevista acima transcrita, a fala de Zapatero reforça a hipótese inicial deste trabalho de que a literatura pode auxiliar no processo de elaboração da memória. Nesse caso, de uma memória que não figura nas versões oficiais.

Em *La sombra de lo que fuimos*, em uma das primeiras passagens envolvendo a questão do exílio, o vendedor de frangos explica para Cacho Salinas as dificuldades que teve para se estabelecer financeiramente no Chile, após passar dez anos exilado na Suécia com sua família. Na seguinte passagem, ele explica como lhe surgiu, no Chile, a ideia de vender frango assado, uma atividade que ele odiava, mas com a qual ele vinha se mantendo financeiramente desde então:

*Me contagiaron, y cuando se acabó la dictadura, mi mujer e yo volvimos con la misma idea. (...) Estábamos a punto de hacer las maletas nuevamente y regresar a Suecia cuando un día, inspirados en las farmacias de urgencia, unos tipos abrieron las primeras botillerías de urgencia, lugares en los que se vende trago las veinticuatro horas. Así que decidí abrir el pollo de urgencia y aquí estamos, asando pollos mientras el planeta gira sobre su eje. Odio los pollos. Salud, compañero, y cuénteme su bronca* (SEPÚLVEDA, 2009, p. 22).

---

<sup>9</sup> Zapatero tem como referência a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) que levou diversos escritores ao exílio e que, ao longo de suas vidas, transformaram em prosa o resultado traumático desses deslocamentos. O autor cita exemplos como: Mercé Rododera (*La plaza del Diamante*); Paulino Masip (*El diario de Hamlet García*); Ramón J. Sender (*El rey y la reina*); Ernesto Salazar Chapela (*En aquella Valencia*); Arturo Barea (*La llama*); José Ramón Arana (*El cura de Almuñiced*); Max Aub (*El laberinto mágico*). Não necessariamente no contexto da Guerra Civil Espanhola, mas dentro de um eixo variado que contempla a volta dos exilados, Zapatero cita ainda: Mario Benedetti (*Andamios*); Jesús Izcaray (*Las ruinas de la muralla*); Elie Wiesel (*La ciudad de la fortuna*); Juan Goytisolo (*Señas de identidad*); Arturo Barea (*La raíz rota*). Esses últimos são exemplos colocados pelo autor para mostrar que o regresso do exílio pode ser tão doloroso quanto o exílio em si.

O vendedor de frangos é um personagem com uma passagem muito rápida na narrativa de Sepúlveda, tão rápida que nem podemos conhecer o seu nome. Sua participação, embora curta, é muito proveitosa nessa análise para se pensar o exílio e bastante reveladora do próprio autor Luis Sepúlveda. Por exemplo: em entrevistas, Sepúlveda relata que o exílio lhe imputou um universo emocional próprio, especialmente na formação das famílias que se formaram e/ou cresceram durante esse período. Segue o exemplo:

*En el exilio también se va estableciendo un universo emocional. Fundas o aumentas tu familia y no puedes desarraigar a tus hijos, no puedes condenarlos al mismo desarraigo que sentiste cuando tuviste que salir. En nuestro caso, solo un hijo nació en Chile, pero se fue muy niño a Suecia y el resto nacieron entre Suecia y Alemania. Su cultura es la europea, las lenguas en las que se expresan más íntimamente son escandinavas o el alemán y el inglés, entonces era muy difícil planear un regreso a Chile mientras ellos no alcanzaran la plenitud de adultos y pudieran decidir (SEPÚLVEDA, Luis. Luis Sepúlveda: “Tengo claro que primero soy ciudadano y después soy escritor”).*

No caso de Sepúlveda, seus filhos cresceram no exílio, portanto, sua cultura já não era chilena, como a dele, mas europeia. Ele entendeu que não poderia forçá-los a viver no Chile e “condenarlos al mismo desarraigo que sentiste cuando tuviste que salir”. Essa situação familiar gerada pelo exílio também fica evidente em *La sombra de lo que fuimos*, principalmente, por meio do personagem interpretado pelo vendedor de frangos. A semelhança da passagem abaixo com a decisão dos filhos, já adultos, de Sepúlveda, demonstra o teor autobiográfico de certas passagens da obra:

*También era un retornado al país tras diez años de exilio en Suecia. Suspiraba al referirse a Gotemburgo, a sus islas, al mar color acero, a esas mujeres que — precisaba — eligen libremente y con alegría al macho que disfrutará del catre Ikea y con ellas no hay truco que valga. Tenía dos hijos libres del lastre nostálgico, muchachos que habían descubierto raíces escandinavas y por más aéreas que fueran no dejaban de ser raíces que lentamente se fueron hundiendo en el suelo rocoso, chicos que optaron por las noches de jazz en el bar Nefertiti en lugar de asistir a la peñas folclóricas latinoamericanas, que vibraban con la música del grupo Psycore, pues los solos de guitarra de Kalle Sepúlveda les sacudían el alma con más fuerza que las notas dolidas del Gitano Rodríguez (SEPÚLVEDA, 2009, p. 21).*

Em um primeiro momento, pode até parecer que a decisão dos filhos de permanecer no país de exílio dos pais (tanto do vendedor de frangos, quanto de Sepúlveda), seja uma negação das origens. Todavia, Alejandro Grimson (2011, p.38), doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília, esclarece que um dos equívocos das migrações é “*creer que existen los inmigrantes de segunda generación*” como se, inevitavelmente, houvesse uma continuidade identitária entre pais, filhos e netos. Como argumenta o autor

“sociológicamente, inmigrante es aquel que se desplaza de una zona a otra, no el hijo del que se desplazó. Si no, todos los seres humanos perteneceríamos a distintas generaciones de inmigrantes” (GRIMSON, 2011, p. 38).

Não fica claro se os filhos do vendedor de frangos nasceram no Chile ou na Suécia, mas fica evidente que eles cresceram já desde muito pequenos no país de exílio dos pais. O desabafo desse personagem nos dá a entender, para sua tristeza, que aquelas crianças não se percebiam como chilenas, como os pais. Quando o vendedor de frangos e sua esposa decidem retornar para o Chile, seus filhos, agora adultos, optam por permanecer na Europa. Com base no argumento de Grimson, se eles nasceram na Suécia, não podemos enquadrar esses filhos na condição de imigrantes chilenos. Mesmo que esses filhos tenham nascido no Chile e crescido na Suécia, de um ponto de vista sociológico, talvez também não se possa enquadrá-los na condição de imigrante. Afinal, a identidade que eles formaram durante o seu crescimento não foi a chilena, como a dos pais, mas escandinava. Chamar a atenção para a questão dos filhos nascidos ou crescidos no país de exílio dos pais é interessante, especialmente se levarmos em consideração quando Yankelevich (2011, p. 24) revela que “metade do exílio esteve constituída por mulheres e aproximadamente um quarto do volume foram crianças que saíram com pais ou familiares ou que nasceram no estrangeiro”. Segundo o autor, as crianças estão ausentes da história do exílio. Invisibilizadas, só conhecemos a sua experiência exilar por intermédio dos adultos.

## 6. O difícil retorno

Em entrevista à *Radio Universidad de Chile* (2014), Sepúlveda relata que o retorno – seu e de Carmen Yáñez, sua esposa – ao país foi um processo meditado, lento e que se revelou muito doloroso. Muitos dos antigos amigos já não estavam mais ali. Foram mortos pela perseguição política. Mas como levar a eles *una flor roja* se nem ao menos se sabiam de suas sepulturas? Se é que havia. De outros, não se tinham notícias. Dos que restaram, foi duro ouvir as experiências traumáticas que se sucederam ao longo dos anos. Em *La sombra de lo que fuimos*, o exílio é retratado como uma fase difícil daqueles que não puderam permanecer no Chile após a subida de Pinochet ao poder. Por meio de uma construção literária, o autor demonstra as dificuldades e impactos sofridos pelos exilados, além da dor de retornar e

contabilizar que muitos amigos não contaram com a mesma sorte de escapar de um Estado repressor. Ele relata:

*El regreso a Chile ha sido lento y meditado. Primero, tanto mi compañera, Carmen Yáñez, que es una gran poeta, como yo, lo pasamos mal y hay cuentas pendientes con el país, cuentas que no significan que necesitamos alguna reparación o algo así, sino los amigos que nos faltan. Cuando te preguntan cómo fue la salida al exilio, lo único que puedes responder es que nos cortaron abruptamente - en nuestro caso - la juventud, porque éramos muy jóvenes cuando nos obligaron a salir. De pronto llegó la posibilidad de volver a un país donde te juntabas con un amigo que iba a tener un hijo seguramente en octubre del 73, al que no conocí porque lo mataron, o tenías una amiga que se iba a casar en noviembre del 73 y el novio se quedó solo porque a ella la desaparecieron después de matarla en la Villa Grimaldi. Esto se multiplica por tanta gente que nos falta, que queda una gran deuda y en muchos casos no sabemos ni siquiera si hay alguna sepultura donde esté su nombre, para visitarla, llevar una flor roja y decirle pasó el tiempo, te seguimos queriendo y aquí estamos de nuevo (SEPÚLVEDA, Luis. 'Tengo claro que primero soy ciudadano y después soy escritor', 2014).*

De todos os impactos que Sepúlveda sofreu ao retornar do exílio, um dos mais intensos foi não reconhecer, no Chile atual, o país da sua memória e das suas experiências. Em algumas oportunidades, o escritor faz referência ao Chile como um “país sin memoria” (*Pobre Chile, es tu cielo azulado*, 2000). Nesse sentido, a escrita de *La sombra de lo fuimos* pode ser interpretada como uma tentativa de se manter viva a memória de um momento histórico que definiu para sempre a vida de muitos chilenos entre as décadas de 1970 e 1980. Isso lembra o sociólogo francês Maurice Halbwachs, para o qual:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então **o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-la por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem** (HALBWACHS, 1990, p.80-81, grifo meu).

Para o historiador Pierre Nora, a defesa da memória parte muitas vezes de uma decisão individual e solitária. A memória “não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória” (NORA, 1993, p. 18). Nesse sentido, nota-se uma intenção de Sepúlveda na defesa de uma memória, tanto que *La sombra de lo que fuimos* parece expressar uma queixa do autor em relação às novas gerações que, por não terem vivido o auge da

ditadura, parecem não dar o mesmo valor às experiências e recordações daquele período que foi tão impactante para pessoas da faixa etária do autor ou mesmo dos personagens a que ele dá vida na narrativa. O autor acusa *los dueños del presente* por esse apagamento. Na obra em estudo, essa queixa reaparece como parte da reflexão do personagem Arancibia:

*No. No eran la Joven Guardia. La juventud se había quedado diseminada en cientos de lugares, arrancada a jirones por los golpes de pícana eléctrica en los interrogatorios, sepultada en fosas secretas que lentamente aparecían, en los años de cárcel, en habitaciones extrañas de países más extraños todavía, en regresos homéricos a ninguna parte, y de ella no quedaban sino himnos de lucha que ya nadie cantaba porque los dueños del presente decidieron que en Chile nunca hubo jóvenes como ellos fueron, jamás se cantó La Joven Guardia y las muchachas comunistas no tenían en los labios el sabor del futuro* (SEPÚLVEDA, 2009, p. 38).

No caso dos personagens de *La sombra de lo que fuimos*, especialmente na passagem acima, observa-se que houve um “retorno”, mas poucos retornados do exílio foram notados. Não tiveram o acolhimento que desejavam. Aqui, deparamo-nos com a questão do ressentimento. Um ressentimento pelo fato de o Chile não tê-los em sua memória da forma como os exilados imaginaram que aconteceria. Situação semelhante encontra-se em um romance estudado pelo espanhol e professor de Literatura Contemporânea, José María Naharro-Calderón (2007, p. 153). Trata-se de *Soldados de Salamina*, do novelista espanhol Javier Cercas. Um dos personagens é Miralles, soldado exilado, que havia sido membro da resistência do movimento comunista espanhol, contra ações fascistas, no âmbito da Guerra Civil Espanhola (1936 a 1939). A seguir, a queixa de Miralles:

*Nadie se acuerda de ellos, ¿sabe? Nadie. Nadie se acuerda siquiera de por qué murieron, de por qué no tuvieron mujer e hijos y una habitación con sol; nadie, y, menos que nadie, la gente por la que pelearon. No hay ni va a haber nunca ninguna calle miserable de ningún pueblo miserable de ninguna mierda de país que vaya a llevar nunca el nombre de ninguno de ellos* (*Soldados de Salamina*. In: Naharro-Calderón, 2007, 153).

Vale ainda a correlação com outra narrativa citada por Naharro-Calderón. Trata-se de *La gallina ciega*, escrita por Max Aub, publicada em 1971, contando a história de um exilado espanhol de esquerda que retorna ao país em 1969, trinta anos depois. A obra é uma espécie de diário, no qual Aub registra a indiferença com que é recebido pelas autoridades do país. A elite letrada não tinha conhecimento das suas obras. Aub já não compreendia aquela Espanha e não se reconhecia nela, como também não era reconhecido, o que lhe gerou confusão e desencanto a ponto de dizer: “*regresé y me voy. En ningún momento tuve la sensación de formar parte de este nuevo país que ha usurpado su lugar al que estuvo aquí antes*” (AUB

*apud* NAHARRO-CALDERÓN, 2007, p. 154). Aub não voltou a se fixar na Espanha. Tornou a morar no México, seu país de exílio, onde permaneceu até a sua morte em 1972. Luis Sepúlveda não voltou a se fixar no Chile. Considerando a trajetória desses dois romancistas e suas narrativas, talvez fosse o caso de pensar na impossível reconciliação desses escritores com seus países de origem.

## 7. O país de Peter Pan é o país da imaginação

Em entrevista concedida a Josefina Ribalta e Fernando Cross (sem data) Sepúlveda comenta, por exemplo, sobre as mudanças que encontrou no Chile após catorze anos longe de seu país. O que mais assombrou o escritor foi encontrar um Chile totalmente diferente. Mesmo após a restauração democrática e o retorno dos exilados, esses possuem um sentimento de estranhamento em relação ao Chile. Não sabem definir ao certo esse estranhamento, mas é notório como eles ainda se sentem exilados, mas agora em seu próprio país, o que lembra Cuentas (2007, p. 14) ao dizer que “*el exiliado, por mucho que se restablezca, lleva el signo de la inadecuación*”. Chama a atenção na fala de Sepúlveda um estado de perda e desorientação, lembrando novamente Cuentas (2007, p. 18) ao colocar que “*el sujeto del exilio (...) ha perdido su lugar de pertenencia (...) y aun si regresar al país se hace más difícil, no deja de disputar su historia y confrontar su política*”. Em entrevista concedida a *Radio Universidad de Chile* (2014), Sepúlveda também relata que:

*Luego, hay una incapacidad para explicarse las razones del exilio, que pasaba a ser una especie de signo de fatalidad, de castigo, nunca se trabajó aquello. Cuando regresaron a Chile, que cambió mucho, se encontraron con que habían perdido dos cosas: el país real del exilio y el país de la memoria que habían dejado atrás, porque ya no existía. Incluso el rumbo de las calles había cambiado. Las viejas picadas ya no estaban, el viejo cine se convirtió en una iglesia evangélica, y ahí vienen desarraigados que son muy fuertes (SEPÚLVEDA, Luis. Luis Sepúlveda: “Tengo claro que primero soy ciudadano y después soy escritor”. 2014).*

Interessante constatar como Sepúlveda incorpora em sua narrativa o mesmo estado de desorientação causado pelo exílio mencionado anteriormente. No romance, essa circunstância fica expressa na passagem a seguir, em que o inspetor Manuel Crespo relata à jovem Adelita Bobadilla o quão desorientados ficaram os exilados ao retornarem ao Chile:

(...) *A su memoria llegó un hecho aparentemente motivado por el descuido y que segó dos vidas. Un conductor viró a la izquierda en una calle y se encontró de pronto con una camioneta que venía, según él, a contramano. El impacto había sido leve, y sin embargo bastó para que una chispa fuese a dar al tanque de gasolina cerrado con un tapón de trapos. La explosión y el incendio mataron a los dos ocupantes de la camioneta: el conductor del vehículo causante de la tragedia huyó, pero a las pocas horas se entregó.*

*Era un retornado del exilio, un hombre que había vivido quince años en Praga, y en su defensa alegaba que los hechos habían ocurrido en su barrio, que toda la vida esa calle iba de norte a sur, que no sabía cuándo había cambiado de sentido. Los que volvían del exilio andaban desorientados, la ciudad no era la misma, buscaban sus bares y encontraban tiendas de chinos, en su farmacia de la infancia había un topless, la vieja escuela era ahora un negocio de autos, el cine del barrio un templo de los hermanos pentecostales. Sin avisarles, les habían cambiado el país (SEPÚLVEDA, 2009, p. 97-98).*

Outro aspecto de interesse para nossa reflexão, presente em *La sombra de lo que fuimos*, é o autoexílio. Para Zapatero, há casos em que, mesmo oficialmente encerradas as repressões políticas que determinaram o exílio, muitos escritores não tornam a se fixar em seus países de origem em função da asfixia política ainda presente, promovendo o que o autor chama de *autoexilio*. Em *La sombra de lo que fuimos*, ao que parece, o autoexílio pode ocorrer mesmo quando o indivíduo torna a se fixar no país de origem. O exílio, antes imposto, passa a assumir uma condição voluntária e permanente. Na obra em estudo, essa questão aparece, entre outras passagens, na conversa entre Cacho Salinas e Lucho Arancibia. Perguntado sobre quando voltou do exílio, Cacho Salinas faz uma rápida reflexão:

*¿Cuándo volviste del exilio? Quiso responder que del exilio no se regresa, que cualquier intento es un engaño, una absurda tentativa por habitar en un país guardado en la memoria. Todo es bello en el país de la memoria, no hay percances en el país de la memoria, no tiembla y hasta la lluvia es grata en el país de la memoria. El país de Peter Pan es el país de la memoria (SEPÚLVEDA, 2009, p. 40).*

Afinal, o que é o país de Peter Pan, citado por Cacho Salinas, senão o país da imaginação? Agora, o país da memória só existe nessa dimensão abstrata do pensamento. O retorno ao país de origem não significou o fim da experiência exilar, pois nem sempre há um país para o qual voltar. Pelo menos, não aquele da memória. Em outra passagem, o mesmo personagem Cacho Salinas recordou seu país de exílio e fez a seguinte comparação com o Chile:

*Llovía, los vehículos pasaban raudos como escapando de algo indefinible y Cacho Salinas añoró ciudades esplendorosas bajo la lluvia. Una era Bilbao, llena de lugares acogedores donde refugiarse; otra Gijón, que invitaba a caminar bajo el aguacero a lo largo del Muro de San Lorenzo; otra Hamburgo, con sus calles adoquinadas multiplicando las luces. Santiago no podía ser más triste bajo la lluvia.*

*Recordó que alguna vez durante el exilio en París había leído una novela de Ramón Díaz Eterovic titulada La ciudad está triste, y acodado en La Petite Périgourdine, el bar de Saint-Michel al que sin motivo aparente iban a dar siempre los latinoamericanos, había llorado con la magistral descripción de la tristeza santiaguina que hacía el autor (SEPÚLVEDA, 2009, p. 19).*

Essa passagem faz-nos pensar que talvez o Chile não fosse mais um país alegre e acolhedor. A possibilidade de sua transformação em uma república mais solidária e justa havia sido abortada. Após anos de exílio em Paris, Cacho Salinas estava de volta ao Chile, mas não se sentia nele. Não era como o país da sua memória. Agora no Chile, ele expressa algo que parece muito recorrente entre aqueles que retornam ao país de origem: estava novamente no Chile, mas continuava a viver um eterno exílio. Essa é uma condição possível, pois como colocado por Zapatero (2008, p. 443), o retorno é o objetivo de todo exilado, mas o exílio deixou marcas tão profundas que é impossível renunciar a ele, e, como assinala Adolfo Sánchez Vázquez (ZAPATERO, 2008, p. 443), “*que tanto si vuelve como si no vuelve, jamás dejará de ser un exiliado*”.

*La gallina ciega* ajuda-nos, ainda, a pensar outros elementos presentes em *La sombra de lo que fuimos*. O escritor e crítico teatral, José María de Quinto (GOÑI, 1995), explica que *La gallina ciega* trata de “*un patético descargo de conciencia; aquella España con la que se encontró no era la que había soñado, la que había conformado en el recuerdo en tantos años de exilio, y el choque le hizo ser, como es comprensible, subjetivo y arbitrario*”. É o testemunho de um exilado que em seu retorno não recebeu o acolhimento que desejava. Na Espanha, parecia que ninguém mais, além de Aub, recordava-se do passado ditatorial e só ele parecia ter a memória dos fatos que um dia ocorreram. A partir do escritor espanhol Antonio Muñoz Molina, entendemos que, para Aub, a desmemória da Espanha (se assim podemos chamar) parecia lhe doer mais do que o próprio exílio. Segundo Molina, “*La gallina ciega es el testimonio de una imposibilidad, de un trágico malentendido entre el desterrado que vuelve cargado de nostalgia, de dolor y recelo, y el país que ha cambiado hasta volverse irreconocible en los años de su ausencia*” (MOLINA, 1996, p. 37).

Na memória desses autores, o exílio é sempre uma perda ou algo essencialmente negativo. Por que é tão importante manter viva essa memória? Segundo o filósofo americano Edward S. Casey (*apud* SANTOS, 2003, p. 25), “*nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos.*” Assim, quando Yankelevich (2011, p. 17) explica que “*difícilmente um exilado se percebe como um ‘emigrante’, sobretudo quando o termo ‘exílio’, por sua força simbólica, outorga identidade ao perseguido (...)*”, é possível fazer referência à necessidade humana de saber “*quem eu sou*”. É a identidade da pessoa que está em jogo e a

forma de defender essa identificação, o seu lugar de importância no mundo e o sentido da sua existência, é construindo uma memória que lhe dá suporte. Como afirma Carlos e Esteve (2009, p. 16-17), “a reelaboração do passado envolve (...) uma ‘construção’ de identidade”. Recordar é uma forma de defender a sua identidade.

Recém saímos de um século marcado por exílios motivados por questões políticas e já percebemos que entramos em outro que também será marcado por deslocamentos forçados, pelos mais variados motivos. Podemos estudá-los de diversas formas. Como colocado por Caudet (2008, p.18), “*es preciso partir del principio de que el estudio del exilio exige, más que ningún otro tema, amplitud de miras y muchas dosis de interdisciplinaridad. No hay una sola disciplina que sirva por sí sola para su estudio*”. Aqui, a literatura está sendo tomada como mais um mecanismo possível de compreender esse processo. Por meio da historiografia, podemos levantar dados em busca de quantos e quais chilenos foram exilados a partir de 11 de setembro de 1973, ou ainda, estudar os fatores que possibilitaram o retorno desses exilados ao país. Porém, ainda que façamos todo um levantamento acerca do exílio, corremos o risco de esquecer do fator mais importante: o aspecto humano e pessoal do exilado, sua história e experiências desencadeadas a partir de governos autoritários. A literatura pode ser um caminho para compreender tal experiência.

## 8. Veracidade e ficcionalidade

Embora o termo “ficção” comumente nos remeta a termos carregados de negatividade, como “invenção”, “simulação”, “falsidade” e “fingimento” (o que não está descartado do discurso histórico), não era a esse sentido que a ideia de história como uma ficção se atrelou a partir da década de 1980. Para a História Cultural, o aspecto mais importante que a palavra ficção suscitou naquele momento foi o de “imaginação”. Para muitos historiadores, estava cada vez mais claro que a história era uma ficção, mas não porque era “falsa”, mas por fazer uso de um discurso e de uma narrativa imaginária sobre fatos reais do passado, a fim de aproximar o leitor da realidade. Segundo Pesavento:

Por ficção, Natalie Davis não entende nem a falsidade nem a fantasia, versões vulgares de compreensão do conceito, nem ainda uma possibilidade de invenção absoluta dos dados do real. Prefere o sentido antigo do termo, recolhido do século XVI: aquilo que é trabalhado, construído ou criado a partir do que existe. O

historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca da descoberta do como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão. Ou seja, o historiador cria o passado e, para Natalie Davis, a História é uma forma de ficção, tal como a Literatura (PESAVENTO, 2004, p. 53-54).

Como ocorre com *La sombra de lo que fuimos*, a literatura pode tratar de forma ficcional fatos verídicos já abordados pela historiografia. Nesse caso, como definir essas obras que tratam de fatos, épocas e personagens históricos, mas que nos colocam a par deles de maneira ficcionalizada? Lendo Mignolo, é possível dizer que não se trata de defini-los categoricamente como literatura ou história, mas de saber onde eles se encaixam com mais naturalidade. Nada impede que a história use a ficção — no sentido de imaginação — para que nos apropriemos de um conteúdo histórico, assim como nada impede que a literatura nos apresente fatos verídicos. Como colocado por Pesavento (2004, p. 51), “como diria Jacques Rancière, é sempre possível atribuir a acontecimentos verídicos, ficções (...)”.

Nesse sentido, algo que chama a atenção na obra em estudo é o entrelaçamento que o autor faz entre personagens fictícios com personalidades reais da história chilena. É importante trazer a atenção do leitor para esse aspecto, pois, talvez, isso seja uma tentativa do autor de, além de conferir mais relevância à narrativa que está sendo contada, resgatar a memória de assassinados e desaparecidos políticos. No trecho seguinte, o *abuelo* é Pedro Nolasco Arratia Urrutia (1876 - 1961), uma personalidade importante na história do anarquismo no Chile:

*– A los viejos sólo nos queda Carlitos Gardel, salud por el morocho – suspiró entonces su abuelo, mirando con nostalgia el color rubí del vino. Eso fue todo, recordó el veterano. Al día siguiente el abuelo se voló los sesos con un Smith and Wesson calibre treinta y ocho especial, el mismo fierro que mantuvo durante décadas bien limpio y lubricado, con los seis proyectiles en el tambor, envuelto en un trozo de fieltro rojinegro resistente a la humedad, a las polillas y al olvido (SEPÚLVEDA, 2009, p. 12).*

No Chile, Urrutia fundou a *Federación de Obreros de Imprenta* (FOIC), de cunho anarcosindicalista, e prosseguiu por toda vida em uma luta incessante no âmbito político. Em *La sombra de lo que fuimos*, Urrutia econtra-se em Santiago, na manhã chuvosa de 16 de julho de 1925. Compartilha um vinho e uma conversa amistosa com outras três figuras que também passaram pela história chilena, de forma breve, mas marcante. São eles: Francisco Ascaso Abadía (1901-1936), Gregorio Jover Cortés (1891-1964) e Buenaventura Durruti

(1896-1936), três espanhóis anarcosindicalistas conhecidos pela amizade que tiveram e por terem articulado ações armadas na primeira metade do século XX, em várias investidas contra o governo espanhol (Figura 1).



**Figura 1:** Francisco Ascaso, Buenaventura Durruti y Gregorio Jover. Fonte: *Biografías y vidas: la enciclopedia biográfica en línea. Francisco Ascaso.*

Na Europa, ficaram conhecidos como o grupo anarquista *Los Solidarios*. Fugiram para a América Latina na década de 1920, após a caçada empreendida pelo ditador espanhol Primo de Rivera, que governou no período de 1923 a 1930. Interessante notar que, em *La sombra de lo que fuimos*, os três anarquistas se identificam como *Los Justicieros*, nome de um grupo de autodefesa do qual eles também fizeram parte na Europa, alguns anos antes de comporem *Los Solidarios*. A passagem do grupo pela América Latina, apesar de breve, causou euforia. Urrutia juntou-se ao *Los Solidarios*. Em 16 de julho de 1925, assaltaram a agência *Matadero del Banco de Chile*, o primeiro assalto a Banco registrado na história do Chile (BARÓ, 2012). Quanto ao anarquista Urrutia, não foi possível obter a informação se ele de fato cometeu suicídio ou, mesmo, se teve algum neto chamado Pedro Nolasco González. Assim, é interessante notar como o autor faz essa mescla de personagens reais e fictícios ou traz informações não necessariamente passadas pelo crivo da historiografia.

Ainda que a literatura se constitua como fonte historiográfica, é importante frisar que não devemos encará-la como um instrumento que nos dará a conhecer o “real acontecido”, pois esse não é o intuito principal de quem a escreve, embora nada impeça de agir assim. Claro que o romancista pode lidar com fatos reais, mas ele os articula com o uso do recurso ficcional (do qual a história se esforça por manter certa autonomia) para poder realçar as

sensibilidades que procura transmitir ao leitor. Como coloca a própria Pesavento (2006, p. 3), “se estamos em busca de personagens da história, de acontecimentos e datas sobre algo que se deu no passado, sem dúvida a literatura não será a melhor fonte a ser utilizada”. A literatura é uma fonte, mas que nos dará a conhecer as sensibilidades, tão difícil de encontrar nos documentos oficiais e nem sempre disponíveis em arquivos ou bibliotecas.

No trecho anterior de *La sombra de lo que fuimos, el veterano* é Pedro Nolasco González, um personagem fictício, mas que é descrito como neto da pessoa real de Pedro Nolasco Arratia Urrutia. Pedro Nolasco González tem em mãos a arma que havia pertencido, por quarenta anos, ao seu avô. Na narrativa, essa arma é descrita como um presente do anarquista Francisco Ascaso para Urrutia, logo após terem assaltado a agência *Matadero del Banco de Chile*. Essa mesma arma seria utilizada por Urrutia para cometer o suicídio. Ainda na narrativa em estudo, essa mesma arma havia sido utilizada para matar a Juan Soldevila y Romero, cardeal que serviu como arcebispo em Zaragoza, no período de 1901 a 1919. Esse arcebispo realmente existiu e, segundo versões da história, foi assassinado, nada menos, pelo grupo anarquista *Los Solidarios* (BARÓ, 2012). Na narrativa literária construída por Sepúlveda, Urrutia manteve o presente — a arma *Smith and Wesson calibre treinta y ocho* — guardado por quarenta anos, envolto em *en un trozo de fieltro rojinegro, resistente a la humedad, a las polillas y al olvido*. Tanta dedicação para mantê-la livre, entre outras coisas, do esquecimento. O que não poderia ser esquecido? Lembremo-nos da discussão anterior, de como a memória pode estar atrelada a símbolos. Nesse caso, aquela arma poderia simbolizar memórias de tempos em que se lutou contra todo tipo de dominação e hierarquias, entre elas, a do Estado.

A atuação do personagem inspetor Manuel Crespo talvez esteja entre as mais importantes em *La sombra de lo que fuimos*, pelo menos, no que se refere a uma delimitação bastante porosa entre o real e o fictício. Crespo era um inspetor da polícia que trabalhava nessa função já desde os tempos da ditadura. Era um homem calmo e reflexivo. Sua companheira de trabalho era Adelita Bobadilla, detetive bastante jovem, representando a primeira geração de policiais, pós-ditadura, ou, como descreve o narrador, “*con las manos limpias, de los que en 1973 todavía no habían nacido o eran muy pequeños para ser torturadores y aliados del narcotráfico*” (SEPÚLVEDA, 2009, p. 58). Embora fizesse parte de uma corporação que serviu aos propósitos autoritários e repressores do período ditatorial, Crespo não se envolveu com essas ações. Naquela época, o inspetor explica que foi procurado, às escondidas, por Pedro Nolasco González, cujo objetivo era lhe revelar o

verdadeiro motivo do desaparecimento do chileno Kiko Barraza. Esse personagem real, ex-cadete e estudante de economia, havia deixado a Escola Naval para juntar-se à guerrilha, tendo desaparecido alguns meses antes das eleições presidenciais de 1970. Com base no que Pedro Nolasco González teria lhe informado, o experiente inspetor explica, para a jovem detetive, o episódio de desaparecimento do ex-cadete:

*A las dos semanas de los hechos y cuando nadie hablaba de eso, pues el fragor electoral lo ocupaba todo, Allende tenía muchas posibilidades de vencer y la derecha, además de histérica, se presentaba dividida, un día, a la salida del cuartel, se acercó un hombre y me dijo: “Oye, rati, quiero hablar contigo”. »Nunca lo olvido, pues a raíz de ese encuentro estuve a punto de dejar la policía. Mi cultura, Adelita, es de lector de novelas policiales en las que la ley gana, y si hay que violarla, es para que ganen los justos. Simulé no haber oído lo de rati, hoy a ningún detective le molesta que lo llamen así, y le pregunté qué quería. Deseaba saber quién llevaba la investigación sobre el desaparecimiento de Kiko Barraza y le contesté que nadie, pues órdenes de arriba habían cerrado el caso. «Lo agarraron vivo y lo asesinaron», dijo mirándome fijamente a los ojos. Le pregunté cómo lo sabía y su respuesta fue de una naturalidad desconcertante: «Porque estaba con él y lo vi todo, tengo pruebas, testigos, puedo identificar a los oficiales que lo asesinaron. ¿Qué, rati? ¿Te la juegas?» (SEPÚLVEDA, 2009, p. 119-120).*

Essa passagem não é um mero trecho de uma narrativa literária. É uma denúncia feita por meio de um trabalho de ficção. Um apelo para que a memória do jovem Kiko Barraza não seja esquecida. O inspetor dá continuidade ao seu relato, fazendo todo um trabalho de rememoração para explicar à Adelita como era no tempo da ditadura, trazendo à tona uma série de acontecimentos referentes àquele período histórico. A passagem, que se segue, é um exemplo de como a literatura foi utilizada para auxiliar no processo de memória, nesse caso, dos aspectos mais violentos do regime autoritário instaurado no Chile.

*– Como tú eres tan joven, Adelita, y te enseñaron historia en un folleto de dos páginas, ignoras que, durante el gobierno militar, o régimen autoritario, como dicen los que desterraron la palabra dictadura del diccionario, Pinochet le regaló el país a un yerno, un delincuente de apellidos que suenan a jarabe para la tos, Ponce Leroux, como recompensa por haberse casado con su hija más tonta. Esto no es nada nuevo; en todos los países se premió a los que cargan con la prole estúpida de los mandamases, ¿por qué íbamos los chilenos a ser diferentes? El yernísimo es hoy uno de los hombres más ricos del mundo, hizo fortuna comprando a precio de ganga las industrias nacionales y más tarde las vendió con unas ganancias que jamás se conocerán. Debe de ser duro dormir aferrado a las piernas peludas de una tonta, de tal manera que, en compensación, recibió los bosques del sur y los convirtió en astillas (SEPÚLVEDA, 2009, p. 60).*

A primeira coisa que chama a atenção nessa fala é a crítica que o inspetor Manuel Crespo faz à historiografia chilena, por tratar o período ditatorial de forma superficial, como ele próprio indica ao compará-la a um “*folleto de dos paginas*”. Ou seja, estamos diante de uma obra literária criticando a historiografia. De alguma forma, está-se a dizer que a abordagem ficcional pode fornecer uma dimensão mais crítica e ampla da ditadura chilena do que a própria história fez até o momento. Observemos a passagem anterior à luz do que Erll aponta como *contrarreuerdos*:

*En el texto literario no sólo se negocian de manera antagónica las competencias del recuerdo que existen en el plano nacional, sino que también se confrontan las versiones del pasado que tienen diversos grupos de la sociedad: de la variedad de memorias que tienen las clases sociales, los géneros, las generaciones y las comunidades religiosas surgen nuevos frentes de textos antagonistas* (ERLL, 2012, p. 246).

Se essa observação faz-nos pensar a literatura como uma forma alternativa de elaboração da memória, indagamos: alternativa em relação a quê? Em relação à história? Também. Entenda-se a palavra “alternativa” não como uma opção de substituição em relação a outras formas de estudar a história, mas como algo capaz de fornecer uma resposta mais sensível à determinada questão histórica. Neste caso, alternativa a lugares mais comumente utilizados na historiografia oficial. Um lugar onde o leitor, em exercício de alteridade, pode conhecer o drama psicológico decorrente, por exemplo, de traumas gerados no âmbito da ditadura cívico-militar chilena das décadas de 1970-1980. Erll (2012, p. 238) aproxima-nos da ideia de literatura como um espaço alternativo de memória ao dizer que, por agir intersubjetivamente, “*los textos literarios tienen la capacidad de representar aquello a lo que no se puede acceder por medio de otros discursos*”. Um dos elementos que podemos observar para entender a literatura como um espaço alternativo de memória refere-se a sua capacidade de poder desconstruir ou revisar versões de certa forma já oficializadas do passado. Para Erll, os textos literários são capazes de:

*(...) indagar, deconstruir y transformar de manera declarada las versiones del pasado existentes, al crear ficciones revisionistas de la historia y la memoria [...] de esta manera, los textos literarios cuestionan las imágenes de la historia, las estructuras axiológicas y las representaciones de lo propio y lo otro* (ERLL, 2012, p. 227).

O inspetor Manuel Crespo critica a corrupção no país, começando pelos favores que Pinochet concedeu a membros da família, pois o citado Ponce Leroux, a quem ele se refere, é Julio César Ponce Lerou, o qual foi casado com a filha mais nova de Pinochet. Diante do caminho aberto pelo sogro, assumiu a presidência de várias estatais, sendo hoje um dos homens mais ricos no Chile, além de estar envolvido em vários casos de corrupção. Na passagem que segue, o inspetor Crespo continua a sua tarefa de mostrar o que não caberia “*en un folleto de dos paginas*”:

—*Tú naciste en el 73, ¿verdad, Adelita?*

*La detective asintió y el inspector juntó las manos, como los abuelos que se disponen a contar una historia de Pedro Urdemales.*

—*Tres años antes de que vinieras al mundo, Salvador Allende ganó las elecciones presidenciales y, un año más tarde, en junio del 71, una organización, medio anarquista medio lumpen llamada Vanguardia Organizada del Pueblo, asesinó a un ex ministro del gobierno anterior, el señor Edmundo Pérez Zujovic, a su vez responsable de una masacre en la que murieron mujeres y hombres en Puerto Montt. Habían ocupado unos terrenos de manera ilegal para levantar ahí sus covachas y tener un lugar en donde pasar el invierno del sur, que es frío con alevosía. Yo era joven entonces, como tú, era un cachorrillo recién salido de la escuela de detectives. De arriba llegó una orden: encontrarlos y matarlos a todos. ¿Quién dio la orden? Eso lo dirá alguna vez la historia, el día en que los chilenos dejemos de ser unos cagones con miedo a nuestro propio pasado. Los asesinos eran dos muchachos de apellidos Rivera Calderón; primero encontraron a una hermana de éstos, la torturaron hasta que delató a sus hermanos, fueron a por ellos y los liquidaron. A las pocas semanas, otro militante de la VOP, un hombre viejo llamado Heriberto Salazar Bello, se acercó hasta el Cuartel de Investigaciones cargado de explosivos bajo el abrigo, esperó a que el nuevo turno llegara y se voló por los aires. La explosión mató a tres detectives que entraban a cumplir servicio. El caso se cerró con un prófugo, Pedro Nolasco González, pero nunca hubo pruebas que le relacionaran fehacientemente con el crimen del ex ministro (SEPÚLVEDA, 2009, p. 62-63).*

Nessa passagem, enquanto Adelita lê a antiga ficha criminal de Pedro Nolasco, criada na década de 1970, o inspetor mostra a ela que não há provas cabíveis dos crimes ali apontados, nem mesmo pela morte do ex-ministro, Edmundo Pérez Zujovic, personagem real da história política chilena — assassinado nas mesmas condições e pelo mesmo grupo apontado pelo inspetor Manuel Crespo (HISTORIA ALTERNATIVA). Observa-se que Crespo faz um trabalho de rememoração e atualização das suas lembranças, ao mesmo tempo em que transmite, para uma nova geração, o testemunho daquilo que viu e ouviu. O inspetor explica que a perseguição a Pedro Nolasco González, apesar de ser um anarquista atuante, dava-se pela existência de vínculo familiar com Pedro Nolasco Arratia Urrutia, aquele mesmo que participou, na vida real, do primeiro assalto a uma agência bancária no Chile, em 16 de julho de 1925. É também por meio do relato do inspetor Crespo que a narrativa expõe o silêncio

que se acercou do Chile durante a ditadura. Um silêncio causado pelo medo e que, aos poucos, envenenou o próprio futuro. Esse esquecimento — a que o inspetor Crespo se refere como uma necessidade daquele momento passado — aparece na obra em estudo como algo que agora precisa ser exposto, falado, recordado, de forma que o passado não continue envenenando o futuro:

*La vida se llenó de agujeros negros y estaban en cualquier parte, alguien entraba a la estación del metro y no salía jamás, alguien subía a un taxi y no llegaba a su casa, alguien decía luz y se lo tragaban las sombras. Muchos hombres y mujeres que se conocían se negaron a sí mismos en una epidemia de amnesia necesaria y salvadora. No, no conozco a esos tipos que llevan tirados en un camión. No, nunca he visto a esa mujer que espera en la esquina. El olvido fue una necesidad urgente, hay que cambiar de acera y evitar encuentros, hay que girar rápidamente y deshacer los pasos. Y todo lo que estuvo cargado de futuro, de pronto estuvo emponzoñado de pasado (SEPÚLVEDA, 2009, p. 69).*

Por que Luis Sepúlveda se ocuparia da tarefa de expor, falar e recordar o período ditatorial chileno? Já não bastariam os museus e os extensos relatórios de uma série de comissões criadas com o intuito de levantar e divulgar as atrocidades daquele período? A abordagem historiográfica já não seria suficiente? A resposta poderia ser a seguinte: depende do efeito que se quer atingir em termos de fixação da memória. Para Sepúlveda, a ditadura precisa ser lembrada como algo terrível.

Mas podemos ir mais além nessa resposta: escrever, ficcionalizar a própria história, voltar a passá-la pelo coração, é também uma forma de entender a perda, lidar com ela, tentar esquecê-la, por mais difícil que isso seja. É um trabalho de luto que se movimenta em duas direções: por um lado reivindica outro espaço de recordação, a ser socializado para que as atrocidades da ditadura nunca sejam esquecidas; por outro, atua como tentativa de remissão pessoal para aquele que escreve. Além disso, sobreviver à atrocidade é também carregar a responsabilidade sobre a história daqueles que não tiveram a mesma sorte. Uma dívida, cuja cobrança bate todo dia à porta. A literatura pode imprimir ao relato de um fato histórico uma carga acentuada de sentimentos ao dispor do uso da ficção. É muito comum, por exemplo, ao leitor de uma narrativa literária, comover-se ao longo da leitura, identificar-se com a dor do outro, ter empatia, estimular seu senso de alteridade. Um mesmo fato pode ser abordado de forma historiográfica, mas é menos provável que produza as mesmas sensações que podem auxiliar na fixação dessa memória.

### 9. *La sombra de lo que fuimos: um recurso de memória*

Uma das questões que mais nos interessa no âmbito deste trabalho é o uso que as sociedades fazem das narrativas literárias para construção e transmissão de lembranças, ao ponto de hoje ser quase impossível não se considerar o peso da literatura na elaboração de um dado aspecto da memória, especialmente de fatos históricos de grande notoriedade, como foi o caso da ditadura cívico-militar chilena. Segundo o filósofo americano Edward S. Casey (*apud* SANTOS, 2003:28), “não há nada no mundo que não seja mnemônico por natureza”. Isso amplia exponencialmente nossos espaços de memória, pois, se não há nada no mundo que não seja mnemônico por natureza, também é possível considerar a capacidade auxiliar da literatura dentro do complexo sistema de elaboração da memória social. Por exemplo: para Erll (2012, p. 197), a literatura representa uma forma de criação da memória. Erll chega a essa conclusão a partir do estudo de vários outros autores. Entre eles, da alemã Renate Lachmann (*apud* ERLI, 2012, p. 91), para a qual a literatura é uma arte mnemônica por excelência, ou seja, um instrumento auxiliar da memória, na medida em que registra a memória de uma cultura e cria um espaço mnemônico. Lachmann explica:

*La literatura en cuanto medio de la memoria colectiva muestra dos potenciales funcionales fundamentales en la cultura del recuerdo: el potencial de la formación de la memoria y el potencial de la reflexión de la memoria. Las representaciones literarias determinan, por una parte, nuestros recuerdos personales (...) y nuestras representaciones del pasado histórico (...), es decir, influyen en la formación de diversas formas de la memoria colectiva (LACHMANN *apud* ERLI, 2012, p. 226).*

Segundo Erll, a literatura atua como um elemento formador da memória, especialmente quando percorre as seguintes dimensões: modo associado com a experiência, modo monumental, modo historizante, modo reflexivo e modo antagonista. A associação com a experiência ocorre quando o relato se mostra como um objeto da memória cotidiana. Está muito presente nas autobiografias, sobretudo naquelas que tratam de acontecimentos históricos traumáticos. O modo monumental é entendido como algo que se estende a todos, que permanece ao longo do tempo. O modo historizante está relacionado à abordagem de fatos concluídos do passado e agora objetos da historiografia. O modo reflexivo ocorre quando a obra literária instiga a observação, o que podemos entender como “pensar sobre”. Por fim, o modo antagonista, no qual a literatura cria *contrarreuerdos* ao apresentar a

memória de grupos marginalizados. É uma literatura perspectiva, que toma posição e que deixa claro o lugar de onde fala (2012, p. 244).

*La sombra de lo que fuimos* se encaixa profundamente nesses aspectos tratados por Erll. Primeiro, Luis Sepúlveda faz parte do rol de autores que conheceram o pânico da ditadura e o imprime em suas narrativas literárias a partir da década de 1990. Trata-se de um sobrevivente, pois muitos presos políticos desse período, incluindo amigos seus, não tiveram a mesma sorte de permanecer vivos após caírem nas mãos dos militares. Segundo, a ditadura no Chile foi extremamente violenta e afetou vários setores da sociedade. Terceiro, o período é considerado como objeto de estudo pela historiografia. Quarto, a obra em estudo permite refletir sobre sensibilidades nem sempre captadas pela historiografia. Por último, mas não menos importante, a obra se apresenta como “*una emotiva historia crepuscular. Una reivindicación de los perdedores*” (SEPÚLVEDA, 2009). Com colocado por Sepúlveda, ao ser entrevistado sobre essa obra, sua motivação foram “*las historias falsas que circulan sobre el Gobierno de la Unidad Popular del derrocado presidente Salvador Allende*” (SEPÚLVEDA *apud* INTXAUSTI, 2009). Ou ainda: “*las historias que a mí me interesan son las de los perdedores, las que no figuran en los libros de historia*”. Em outro momento: “*los perdedores siempre tienen más carne, más chispa, más sustancia, son los personajes que recordamos. El Quijote y Sancho Panza, por ejemplo. (...). La literatura es el paraíso de los perdedores*” (SEPÚLVEDA *apud* GARZON, 2004). Essas várias declarações de Sepúlveda lembram, em muitos aspectos, a visão de Erll (2012, p. 244), para a qual a literatura, em seu modo antagonista, cria *contrarreuerdos* ao apresentar a memória de grupos marginalizados.

No que se refere à relação entre produção literária e ditadura, Cabezas identifica três grupos de romances escritos no Chile a partir de 1973. No primeiro grupo de romances, postula-se que “*(...) la memoria de la dictadura debe ser exhaustiva y con un compromiso manifiesto con la verdad de las víctimas, de los derrotados, de los humillados y ofendidos en sus diversos grados*” (CABEZAS, 2013, n.p.). No segundo grupo, e em maior número, os escritores optaram por uma postura “*menos radical respecto del ejercicio de la memoria en referencia al período*”, em que a ditadura é tratada de “*manera más bien tangencial o asintótica, sea porque (...) las condiciones políticas no estaban dadas, o bien porque los novelistas ejercieron su libertad artística en la elección de temas y enfoques, sin dejarse llevar o presionar por otros actores del campo cultural (...)*” (CABEZAS, 2013, n.p.).

O terceiro grupo é numericamente menor em relação aos outros dois, mas não menos importante. Os escritores parecem ignorar ou esconder o contexto político e opressor no qual

estão imersos. A fórmula que eles parecem adotar é a seguinte: “(...) *cuando no se puede contra la realidad, cuando se desea escamotear el peligro o evitar el conflicto, lo mejor es correr un tupido velo sobre aquello que nos inquieta, nos perturba, nos saca de nuestra tranquilidad (...)*” (CABEZAS, 2013, n.p.). A escolha de não mencionar a realidade política não os torna menos importantes ou representativos da época em questão, pois a omissão também é uma postura política, de forma que o silêncio torna-se audível.

*La sombra de lo que fuimos* está mais próxima do primeiro grupo explicado por Cabezas. Os males da ditadura alimentam a narração do início ao fim, funcionando como testemunho de uma época bem posterior ao término da ditadura, mas que ainda enfrenta, com dificuldades, as marcas deixadas. A atuação dos personagens constantemente faz referência aos danos físicos, psicológicos e sociais decorrentes do regime autoritário, permeando esse presente vivido pelo autor, refletindo um trabalho exaustivo de memória. É possível assegurar a narrativa em estudo como testemunho desse tempo presente tão difícil de lidar? Uma forma de responder a essa questão é lembrando o comentário do escritor peruano, Mário Vargas Llosa, acerca dos seus próprios romances:

*¿Qué confianza podemos prestar, pues, al testimonio de las novelas sobre la sociedad que las produjo? ¿Eran esos hombres así? Lo eran, en el sentido de que así querían ser, de que así se veían amar, sufrir y gozar. Esas mentiras no documentan sus vidas sino los demonios que las soliviantaron, los sueños en que se embriagaban para que la vida que vivían fuera más llevadera. Una época no está poblada únicamente de seres de carne y hueso; también, de los fantasmas en que estos seres se mudan para romper las barreras que los limitan y los frustran* (VARGAS LLOSA *apud* ÁLVAREZ, 2015, p. 156).

A obra em estudo é um testemunho diferente daqueles produzidos no auge da ditadura, como foi, por exemplo, *Tejas Verdes* (1974), do autor chileno Hernán Valdés, escrito logo após o autor ter sido mantido encarcerado e torturado em um campo de concentração. *Tejas Verdes* é uma obra representativa das produções literárias dos primeiros anos da ditadura com a intenção notória de ser testemunho fiel de uma realidade, em que os acontecimentos estão “quentes” na memória e o tempo ainda não pôde fazer o seu papel de amenizar algumas dores. O objetivo de Valdés foi impactar, apresentando uma obra que servisse como denúncia acerca da repressão imposta pelo governo militar de Augusto Pinochet.

Durante os anos autoritários, a literatura foi uma das formas de denúncia e crítica às atrocidades do regime ditatorial no Chile. O mais interessante é que, mesmo após a restauração da democracia, o período continuou a ser tema nas novas publicações. Diversas obras foram e ainda são produzidas explorando o período em questão, entre elas, a narrativa

aqui estudada. *La sombra de lo que fuimos* é uma obra recente, mas nem por isso com um teor testemunhal menos notável. Ela é mais testemunho desse presente, que tenta lidar com os efeitos deixados pela ditadura, do que com o período ditatorial propriamente dito. Vale lembrar que, por trás de cada personagem, existe um escritor que idealizou essa narrativa literária e, a partir do recurso ficcional, fez chegar até nós [por que não?] também o seu testemunho do que viu, ouviu e sentiu. De forma ficcionalizada, sim, mas nem por isso menos representativa.

### 10. “*Las estatuas de sal*”

Pinochet foi preso em Londres em 16 de outubro de 1998. Em 25 de novembro de 1998, a Justiça britânica negou o seu pedido de imunidade. No dia seguinte, Sepúlveda escreveu uma espécie de desabafo, o que revela o quanto ele ansiou pelo dia em que o ex-ditador tivesse que prestar contas dos seus atos. Vejamos:

*(...) Abrazo a Carmen, mi Mujer Poeta, que llora sobre mi pecho y musita los nombres queridos de los nuestros, de los que no están para celebrar este día de justicia, pero que siempre nos han acompañado en la invicta patria de la memoria. Llueve suavemente en Asturias, también llovía aquel 11 de septiembre de 1973, más aquella lluvia era diferente. (...) Tiemblo y escribo porque no sé hacer otra cosa. Lloro, recuerdo a mi padre, a cuyo funeral no pude asistir por orden personal de Pinochet. Recuerdo a Belarmino Sepúlveda, regidor del municipio de Carahue, que murió en mis brazos, reventado a golpes en el regimiento Tucapel de Temuco. Recuerdo a Víctor Jara, que murió desafiando a sus verdugos. Recuerdo a Miguel Henríquez, que murió combatiendo al tirano. Recuerdo a Óscar Lagos, que murió en La Moneda, defendiendo la legalidad representada por Salvador Allende. Y recuerdo a Allende en este día dichoso para la justicia y la decencia. Llueve en Asturias y es una delicia sentir cómo el agua empieza a lavar las viejas heridas (SEPÚLVEDA, *Lluvia*, 1998).*

No dia 4 de fevereiro de 1999, em artigo para o jornal *El País*, o escritor Jorge Edwards comentou que: “*el episodio del general Pinochet en Londres ha provocado un remezón de la memoria y a la vez una fijación y una vuelta de imágenes que parecían enterradas*” (EDWARDS, 1999). Nesse mesmo artigo, Edwards não se opõe ao julgamento de Pinochet, mas ao que ele chama de ação seletiva que visa somente a Pinochet, mas não aos demais ex-ditadores e apoiadores em outros países. Na sua visão, essa é uma justiça unilateral que mostra o quanto os chilenos estão “*condenados a la condición de estatuas de sal, a mirar*

*siempre un pasado negro, violento, sin derecho a doblar la página, vamos a convertirnos en estatuas activas, exigentes, extremadamente incómodas”* (EDWARDS, 1999, grifo meu).

O significado da expressão “*estatua de sal*” remete ao texto bíblico (Gênesis 18.16-19; 29) que narra a fuga do servo Ló, sua esposa e duas filhas da cidade de Sodoma, guiados por dois anjos. A destruição da cidade foi iniciada e os anjos ordenaram que prosseguissem a fuga, sem olhar para trás. Já ao amanhecer e chegados a uma cidade próxima, a esposa de Ló olhou para trás, em direção à cidade de Sodoma, à qual ela estava bastante ligada, e imediatamente perdeu a vida ao ser transformada em uma coluna de sal. Portanto, Edwards usa essa expressão para comparar aqueles que insistem em rememorar o passado ditatorial chileno a colunas/estátuas de sal. O que é uma estátua de sal, senão algo sem vida, sem sentimentos e ações? Qual é o objetivo dessa metáfora senão para dizer que os chilenos, por remexerem essas memórias, se esquecem de viver o presente e planejar o futuro? Caberia o uso dessa expressão para se referir à obra *La sombra de lo que fuimos*?

Oito dias após a publicação do artigo de Jorge Edwards, Sepúlveda escreveu um artigo de resposta no mesmo jornal *El País*, criticando duramente a fala daquele escritor. Ele inicia fazendo referência a uma tarde do mês de outubro de 1973, na qual esteve pendurado pelos pulsos em uma das salas de tortura do regimento Tucapel, em Temuco, com mais quatro homens. Daquele grupo, somente três sobreviveram, incluindo Sepúlveda. Na visão de Sepúlveda, as recordações da ditadura nunca necessitaram ser resgatadas, pois elas sempre estiveram presentes. Não foi a prisão de Pinochet que as resgatou, como critica Jorge Edwards, pois elas sempre estiveram vivas na memória daqueles que, assim como o autor de *La sombra de lo que fuimos*, sofreram no corpo a violência do governo ditador. Em suas palavras:

*El escritor Jorge Edwards, en un artículo titulado Las estatuas de sal, hace gala de ese otro lenguaje que emporca desde hace demasiados años el discurso chileno. Según Edwards, "el episodio del general Pinochet en Londres ha provocado un remezón de la memoria y a la vez una fijación y una vuelta de imágenes que parecían enterradas". Pero ¿quiénes han sentido remecidas sus memorias y quiénes habían enterrado las imágenes? (...). Las víctimas de la dictadura no han olvidado ni tampoco han enterrado las imágenes del horror desatado a partir del 11 de septiembre de 1973. Y es más: hay en Chile muchos jóvenes que no han olvidado que, durante dieciséis años de dictadura y casi diez de democracia vigilada, les han escatimado el derecho a una memoria histórica* (SEPÚLVEDA, *Chile: un país dos lenguajes*, 1999).

Sepúlveda faz uma crítica àqueles que se utilizam de um discurso demagógico apresentando soluções fáceis que defendem que o tempo da ditadura simplesmente deve ser

esquecido, como se isso fosse realmente possível. Isso lembra a fala do chileno Pedro Milos ao constatar que:

*Se ha querido dar vuelta pronto la página, como si la historia pudiese escribirse a punta de páginas inconclusas, relatos a medio terminar y cuentas sin saldar. No nos hemos dado el tiempo ni el coraje de la memoria. El olvido nos acecha. Nos hace creer que hemos cambiado, que ya no somos los mismos. Que podemos mirar hacia delante, sin mirarnos hacia adentro (PEDRO MILOS apud CABEZAS, 2009, p. 49-50).*

O alemão Stefan Rinke, historiador especialista em América-Latina, faz o seguinte questionamento: “¿cómo vivir con el pasado sin convertirse en estatua de sal?” (RINKE, 2002, p. 81). Essa pergunta se fundamenta em uma análise que ele faz do Chile, entre o final da década de 1990 e início do novo milênio. Na sua visão, o passado ditatorial é uma sombra que ainda se projeta sobre o presente do país. O autor explica que, no início da década de 1990, uma das maneiras encontradas pelos chilenos para olharem o passado, sem se converterem em estátuas de sal, foi se apegando ao êxito da economia neoliberal. Essa, por algum tempo, trouxe crescimento para o país, mas à custa da superexploração da classe trabalhadora, acarretando em uma série de problemas sociais. Desde então, o desencanto fez com que o país se voltasse novamente para o passado ditatorial. É necessário refletir sob o passado, mas na visão de RINKE (2002, p. 96), nesse processo, a estátua de sal pode ser evitada com o prosseguimento da reforma judicial – ainda que lenta –, o diálogo entre governo e grupos da sociedade civil, bem como com as manifestações levadas a cabo contra o poder militar e contra a violação dos direitos humanos.

Em sua coluna para o jornal *El País*, em 14 de janeiro de 2000, Sepúlveda fez referência ao Chile como um “país sin memoria” (SEPÚLVEDA. *Pobre Chile, es tu cielo azulado*, 2000) o que nos faz pensar que as suas obras, incluindo *La sombra de lo que fuimos*, resultam de uma vontade ou dever de memória. Embora seja possível identificar discursos que tratem a ditadura como algo enterrado em um passado que não mais nos pertencem, suas consequências ainda assombram o presente. Por meio de pessoas altamente comprometidas em esclarecer os crimes da ditadura, muitos juízes, advogados, jornalistas, historiadores e familiares de desaparecidos, entre outros, esforçam-se para levar esses crimes à justiça. É a esse contexto histórico que pertence *La sombra de lo que fuimos*. De um lado, pessoas como Jorge Edwards, que condenam *el remezón de la memoria*. De outro, pessoas como Luis Sepúlveda, que fazem o trabalho de não esquecimento.

Talvez até se possa atribuir a Sepúlveda a expressão estátua de sal, mas como seria de outra forma? Para quem sofreu o agravo, a justiça é sempre lenta e pouco eficiente. Ou como

se promoveria um trabalho de reconciliação, senão falando acerca daquilo que causa o sofrimento? Isso nos remete ao que Paul Ricoeur (2007, p. 467) denomina “o perdão difícil”. Para o autor, “de fato, não pode haver perdão a não ser que se possa acusar alguém, presumi-lo ou declará-lo culpado”. Para Ricoeur:

O axioma é este: nessa dimensão social, só se pode perdoar quando se pode punir; e deve-se punir quando há infração a regras comuns. A sequência das conexões é rigorosa: onde há regra social, há possibilidade de infração; onde há infração, há o punível, a punição visando a restaurar a lei ao negar simbólica e efetivamente o dano cometido à custa de outrem, a vítima (RICOEUR, 2007, p. 476).

Trazendo para o contexto chileno, é como dizer que só haverá perdão, só se deixará de olhar para trás (mesmo tendo que enfrentar a acusação de agirem como estátuas de sal), quando os crimes da ditadura forem a julgamento, conferindo a cada um dos acusados a sua devida pena. É possível pensar em Luis Sepúlveda como alguém que faz esse exercício de olhar para trás na esperança que a justiça seja feita. Como ele faria isso, senão escrevendo? É como se ele se dispusesse a falar por aqueles que hoje não estão aqui, trazendo às claras uma série de ressentimentos e questões não resolvidas. Talvez a expressão que possa sintetizar todas elas seja *herida abierta*:

*En Chile, una parte del pasado, sobre todo el que se refiere a lo ocurrido entre 1973 y 1989, fue borrado de la memoria mediante un atroz decreto, por la imposición forzosa de la amnesia como razón de Estado. (...) En Chile, las heridas están abiertas, muy abiertas y sangrantes. Ni la dictadura, ni la justicia de los prevaricadores representada en la Corte Suprema chilena ni la democracia bajo fianza han hecho el menor esfuerzo por cerrar nuestras heridas. (...) De la misma manera, mientras Chile no recupere al último de sus desaparecidos, mientras no se sepa cuándo, cómo murió, quiénes fueron sus asesinos y por, sobre todo, dónde están sus restos, la herida permanecerá abierta, y es misión de los hombres decentes mantenerla limpia y abierta, porque esa herida es nuestra memoria histórica (SEPÚLVEDA, La bestia acorralada, 1998).*

*Herida abierta* é utilizada por Sepúlveda para descrever o atual estado de espírito no Chile. O não esquecimento se opera mantendo essa ferida aberta. Limpa, porém aberta. Na visão do autor, assim permanecerá até que todos os crimes cometidos pelo governo do ex-ditador sejam elucidados. Bem sabemos que essa elucidação é quase impossível, especialmente pela complexidade e morosidade dos processos. Significa que, talvez, a *herida abierta* nunca se cicatrize, o que implica dizer que, pelo menos por parte daqueles que sofreram diretamente o agravo da ditadura, haverá sempre esse trabalho de “olhar para trás”. Para os que atribuem a esse comportamento a expressão *estatua de sal*, esse processo

significaria morrer um pouco a cada dia, especialmente, porque isso pode estar atrelado a outro aspecto desse ato de “olhar para trás”: o ressentimento.

O termo deriva do verbo “ressentir”. Etimologicamente: *re* – de “novamente” – *sentio* – de “perceber pelos sentidos”. Ou seja, “tornar a sentir”<sup>10</sup>. Segundo o filósofo brasileiro, Antônio Edmilson Paschoal (2008, p. 13), em um primeiro momento, esse seria um termo neutro, pois se pode reviver qualquer tipo de sentimento, seja positivo ou negativo. Porém, esse conceito está ligado, geralmente, ao ato de voltar a sentir sensações tristes e desagradáveis. Em artigo intitulado *La fractura y el rencor en Chile* (1998), publicado no *Jornal El País*, Sepúlveda fez a seguinte reflexão:

*Es evidente que en Chile existe una profunda fractura social. Cómo podría ser de otra manera en una sociedad que no conoce el paradero de casi 3.000 de sus ciudadanos, que ha visto negados sus derechos fundamentales durante 16 años, que ha soportado el terror, la tortura, la injusticia, el asesinato de los opositores dentro y fuera de sus fronteras, el exilio de cientos de miles, como una calamidad a la que no había fuerza capaz de oponer resistencia y a la que no valía la pena oponerse porque tal calamidad se vestía con la coraza de la impunidad eterna.*

*Cómo (...) no ver la fractura de una sociedad que durante 13 años soportó el toque de queda, el casi estado de sitio permanente en el que toda reunión de más de tres personas era un delito de subversión, el miedo como una constante reguladora de cualquier expresión de vida, el silencio como la mejor forma de sobrevivir, la delación como valor patriótico, la impúdica apatía del "por algo será", "algo habrán hecho" que servía de manto para cubrir a las víctimas degolladas en las calles de Santiago (SEPÚLVEDA, *La fractura y el rencor en Chile*, 1998).*

Em *La sombra de lo que fuimos*, as lembranças do período ditatorial parecem “tornar a passar pelo coração” dos seus personagens, fazendo-os “tornar a sentir” a dor dessa *fractura social* causada pela tortura, distância, silenciamentos, desaparecimentos e mortes dos seus cidadãos. O filósofo francês Pierre Ansart, explorando a relação entre história e ressentimento, cita o trabalho do sociólogo Robert Merton (1910-2003) que, por sua vez, revisitou os trabalhos dos filósofos Nietzsche e Max Scheler. Segundo Ansart (2004, p. 18), Merton entende esse conceito como “um conjunto de ‘sentimentos’ em que predominam o ódio, o desejo de vingança e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência, ‘a experiência continuamente renovada’ da impotência rancorosa”. Para Ansart, a definição de Merton não é capaz de descrever o tamanho ressentimento coletivo deixado pelas guerras, conflitos religiosos, raciais e genocídios que acometeram o século XX. Dessa forma, Ansart também revisita os trabalhos de Nietzsche e Scheler e propõe seis acréscimos à definição de ressentimento proposta por Merton.

<sup>10</sup> O Dicionário Houaiss (2001, p. 2441) apresenta, entre outras, a seguinte definição para ressentir: “tornar a sentir; sentir muito <r. uma perda>”. Já o ressentimento está relacionado, entre outros significados, ao “ato ou efeito de ressentir (-se). (...) mágoa que se guarda de uma ofensa ou de um mal que se recebeu; rancor”.

Primeiro: há uma diversidade de ressentimentos, portanto devemos pensá-los sempre no plural. Segundo: os ressentimentos possuem diferentes intensidades, desde o comum, do qual, segundo Freud, todos somos portadores, ao delirante que pode levar o indivíduo à prática do suicídio. Terceiro: não se deve pensar o ressentimento separado das representações, ideologias, imaginários, crenças e discursos que sempre trazem à tona esses sentimentos. Quarto: é preciso refletir sobre os “provocadores” de ressentimento, ou seja, estudar o papel desempenhado por indivíduos, grupos, movimentos que se colocam como porta-vozes de uma sensibilidade comum, tais como os escritores. Esse ponto nos chama bastante atenção, em especial por nos permitir pensar a literatura como porta-voz de recordações traumáticas e experiências dolorosas.

O quinto acréscimo proposto por Ansart se refere às consequências do ressentimento. Nietzsche, Scheler e Merton tratam o ressentimento como um sentimento contido, inibido e ruminado que traz em si a impotência do ódio. Ansart discorda, pois seria o mesmo que dizer que o indivíduo nada pode fazer para manifestar o seu ressentimento, o que significaria a extinção do ódio em sua forma exteriorizada. Sim, o ressentimento é “ruminação” e está ligado a um sentimento de impotência, mas “a questão essencial colocada, às vezes de difícil resposta, é a necessidade de compreender e explicar como o ressentimento se manifesta, a quais comportamentos serve de fonte e que atitudes e condutas inspira, consciente ou inconscientemente” (ANSART, 2004, p. 21). Já o sexto e último acréscimo diz respeito aos sentimentos que originam o ressentimento. À inveja, ciúme, rancor, maldade e desejo de vingança, Ansart acrescenta a experiência da humilhação, do medo, da inferioridade e da ferida à autoestima e ao amor-próprio.

A questão que nos colocamos é se essa ideia de ressentimento, apresentada por Ansart, pode ser uma forma de enxergar as emoções que emanam dos personagens de *La sombra de lo que fuimos*. Sem a pretensão de fornecer uma resposta pronta e acabada, é possível acreditar que, pelo menos em parte, isso é possível de ser considerado. Vejamos uma passagem extraída da narrativa em estudo:

*Lucho Arancibia estaba ahí porque todavía era dueño del galpón, y porque tras muchos días de charla con Lolo Garmendia éste lo había convencido de lo que ya sabía. No existía la justicia y solamente los cretinos o los cobardes podían confiar en que alguna vez el pañuelo paternal del Estado les secaría las lágrimas lloradas o contenidas por más de treinta años* (SEPÚLVEDA, 2009, p. 69-70, grifo meu).

Na passagem acima, deparamo-nos com a queixa de Lucho Arancibia – mas também de Lolo Garmendia que o havia convencido – contra um Estado que, além de ser a causa do seu sofrimento, engana a muitos com a ilusória possibilidade de consolo<sup>11</sup>. Observemos que o narrador faz referência não apenas às “*lágrimas lloradas*”, mas também às lágrimas “*contenidas*”<sup>12</sup>, o que reforça a possibilidade aqui apresentada de identificarmos nas recordações daqueles personagens a marca do ressentimento, ligado à internalização do sofrimento. Quando falamos em contidas, estamos falando de lágrimas que foram guardadas para si “*por más de treinta años*”, reprimidas, ruminadas. Aqui, o tempo não parece estancar a dor, talvez sua ação esteja em ensinar a melhor lidar — ou acostumar-se — com ela. Observemos, por exemplo, que o plano de vingança arquitetado pelos personagens de Pedro Nolasco, Cacho Salinas, Lolo Garmendia e Lucho Arancibia seria executado trinta e cinco anos depois da subida de Pinochet ao poder. Ou seja, três décadas não foram suficientes para amenizar o impacto que sofreram.

Já a obra de Sepúlveda foi publicada no ano de 2009, dezenove anos após o fim da ditadura no Chile. Isso nos faz lembrar Pesavento (2004, p. 83) ao dizer que, em termos de literatura como fonte, “o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita”. Trazendo para a nossa análise, é como dizer que, para o historiador, mais importante do que o romance em estudo dar-nos a conhecer as décadas de 1970 e 1980, é saber o tempo em que essa obra foi escrita por Sepúlveda, o que nos faz pensar que *La sombra de lo que fuimos* seja, pelo menos em parte, a expressão artística dos ressentimentos desse presente. Ou seja, do ponto de vista de uma pessoa que também sofreu a perseguição do regime ditatorial chileno. De alguém que, assim como seus personagens da ficção, foi preso, exilado, perdeu amigos e busca reparação.

Se por um lado, podemos admitir que as memórias das experiências dolorosas da ditadura chilena ainda se fazem presentes (apesar dos anos já passados), por outro lado, seria interessante considerarmos como hipótese de que, pelo menos em parte, isso provém do esforço de pessoas que exercem o papel de não esquecimento, configurando-se em um apelo

---

<sup>11</sup> Na ideia de *pañuelo paternal del Estado* pode ser incluída a anistia. Essa, para Ricoeur, é uma forma institucional de esquecimento que, enganosamente, “tende a apagar as marcas psíquicas ou sociais, como se nada houvesse ocorrido” (RICOEUR, 2007, p. 477).

<sup>12</sup> O Dicionário *Señas* (2013, p. 337) apresenta, entre outras, a seguinte definição para a palavra em espanhol *contenida*: “*que frena o sujeta un impulso para que sea menos intenso*”. Em português, a palavra em espanhol *contenida* está próxima de contida, que por sua vez, está relacionada a algo que está guardado, internalizado. O Dicionário Houaiss (2001, p. 818) apresenta, entre outras, a seguinte definição para contido (a): “que se contém (...) que está encerrado no interior de alguma coisa (...) que se reprime, que não se expande; refreado, comedido, reprimido (...)”.

para manter certas representações do passado. Isso é possível de se fazer através da literatura, pois, como colocado por Erll, os textos literários “(...) *cumplen diversas funciones en la cultura del recuerdo como, por ejemplo, formar representaciones sobre mundos pasados, transmitir imágenes de la historia, negociar las competencias del recuerdo y reflexionar sobre los procesos que lleva a cabo la memoria (...)*” (ERLL, 2012, p. 197). É nesse sentido que esse trabalho procurou pensar a obra estudada como um possível recurso de memória, que lembra o presente a experiência ditatorial chilena. Esse dado se confirmou ao longo da pesquisa, demonstrando o valor da literatura como fonte historiográfica. Não no sentido de lhe confirmar datas e detalhamento dos fatos — que também é muito importante para o estudo da história —, mas de revelar os traços sensíveis que cercam esses acontecimentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da narrativa literária *La sombra de lo que fuimos*, do escritor Luís Sepúlveda, este trabalho procurou perceber de que forma a obra em estudo opera na formação da memória acerca do largo espaço de tempo em que o Chile esteve submetido ao regime ditatorial. Foram anos traumáticos, nos quais inúmeras pessoas foram presas, torturadas e mortas sob a acusação de se oporem ao governo. O estado de choque em que o país passou a estar imerso serviu para a implantação de um sistema neoliberal, marcado pelo silenciamento forçado de vozes discordantes.

A violência de Estado causou cicatrizes profundas na sociedade chilena por meio de prisões arbitrárias, torturas, desaparecimentos, exílios e assassinatos. Para quem sofreu os agravos daquele regime político, tais atrocidades não poderiam, simplesmente, ser esquecidas. A partir de 11 de março de 1990, data em que se oficializa o fim da ditadura no país, surgiram muitas iniciativas pelo não esquecimento daqueles que foram vitimados pelo regime ditatorial, gerando, o que poderíamos chamar, uma variedade de espaços de memória. Entre eles: museus, antigos centros de detenção, memoriais de desaparecidos políticos, murais, portais na internet, arquivos, documentários e, como propomos neste trabalho, a literatura. No caso de *La sombra de lo que fuimos*, isso é feito a partir do uso da ficção, por meio da exploração de recordações individuais que enfatizam as sensibilidades e acessam aspectos traumáticos decorrentes da instauração do regime ditatorial que ainda hoje precisam ser pensados e sarados.

Seguindo a metodologia proposta, e com o objetivo de demonstrar como uma narrativa literária pode auxiliar na elaboração da memória traumática do período ditatorial chileno, foi recortada uma série de passagens da narrativa em estudo, analisando como elas atualizam o leitor acerca do sofrimento que ainda paira sobre aqueles que sofreram com a ditadura. Revelou-se um processo de “olhar para trás”, em uma clara reivindicação de não esquecimento, a começar pelo reencontro dos três militantes, que ocorre mais de três décadas após serem separados pelo exílio, além do ano de publicação da obra — 2009, dezenove anos depois do fim da ditadura no país.

À medida que aqueles personagens atualizam uma série de lembranças, a narração contribui no processo de formação de memórias. O ponto a ser chamada atenção é que a obra em estudo, por si só, pode ser um elemento mnemônico, escrito por alguém que passou pela experiência da ditadura e que, de maneira ficcional, compartilha esse passado. Por ser uma narrativa literária, a comprovação não chega a ser cogitada, podendo as emoções ser mais facilmente atingidas, levando o leitor a solidarizar-se, por assim dizer, com os seus personagens, entender o que está em jogo com a preservação de suas memórias. Para o leitor que entra em contato com essa narrativa literária, essa emoção gerada pode ser, também ela, uma forma de estabilização da memória, como propõe Asmann, auxiliar o processo de rememoração desse período histórico como acontecimento traumático, que cobra do presente uma resposta. Em *La sombra de lo que fuimos*, Luis Sepúlveda está tratando de um evento histórico e político que abalou profundamente a sua geração. Ele trabalha com fatos reais, mas de maneira ficcional e por meio de diferentes estratégias narrativas particulares à literatura, o que permite ao escritor mais liberdade para criar cenários que reforcem certos sentimentos que pretende transmitir, trabalhando assim com outras formas de percepção de um acontecimento histórico.

Na obra em estudo, isso chega até o leitor através das recordações, sobretudo, dolorosas: a perda de entes queridos pelas mãos do Estado, a dispersão dos companheiros de militância, a separação familiar, o exílio, o retorno e as dificuldades de readaptação no país de origem. Esses sentimentos, que passam a tornar pelo coração, atualizam as memórias e não as deixam ser esquecidas. Esse empenho pelo não esquecimento talvez seja um indicativo de que essas memórias estejam ameaçadas, daí a necessidade de lutar por elas. Sob um desejo de reparação, autores, como Luis Sepúlveda, incluem em suas narrativas temas relacionados aos horrores da ditadura, mesmo sob a acusação de agirem como a mulher de Ló que, ao olhar para trás, foi transformada em estátua de sal.

O problema inicial desse trabalho foi responder de que forma *La sombra de lo que fuimos* se coloca no processo de recordação acerca da repressão estatal que vigorou no Chile no período de 1973-1990. A narrativa em estudo mostra que o tema ditadura não ficou no passado, que há injustiças que precisam de respostas e que seus efeitos ainda se fazem presentes em forma de ressentimentos, marcas no corpo, sepulturas sem nomes e perguntas sem respostas. Analisando o impacto da ditadura sobre a literatura chilena, a sua potencialidade como recurso auxiliador da memória, bem como a experiência ditatorial chilena presente na obra em estudo, é possível concluir que a literatura tem um papel muito importante na constituição das memórias, mais um espaço de recordação para entender o passado e sua manifestação no presente. Para os pesquisadores da memória, incluindo os historiadores, deve ser um ponto importante de atenção.

Em função de uma série de temas importantes com a qual esta pesquisa se deparou, sugere-se, para trabalhos futuros, uma análise comparativa a partir de obras que abordem as consequências psicológicas deixadas pela ditadura. Entre elas, os problemas relacionados ao retorno de exilados políticos aos seus países de origem. O exílio não se mostrou um problema só físico/geográfico, mas também mental, pois aquele que retorna nem sempre encontra o país das suas memórias e não consegue dar fim a sua condição de exilado.

Nesse processo, de não ser “nem daqui e nem de lá”, desencadeia-se uma série de emoções que podem ser estudadas, tais como as identidades diaspóricas e fragmentadas, além do sentimento de perda e desarraigo. A obra em estudo despertou para se pensar como o exílio ainda pode ser uma condição vivida por chilenos de forma permanente, mesmo estando de volta ao território nacional. Para alguns exilados, o retorno não foi uma experiência libertadora, pois tiveram a impressão de se deparar com um país *sin memorias*. Um país no qual já poucos se lembravam ou se importavam com o destino dos desaparecidos políticos ou com os nomes daqueles que perderam suas vidas em favor da ideia de um país, no mínimo, mais democrático e justo.

As estátuas não se movem, mas suas sombras sim. Na medida em que, sobre diferentes ângulos, incidimos claridade sobre uma estátua, sua sombra projetada no chão poderá assumir variadas formas e extensões. De forma análoga, o que seria essa claridade, senão o presente? Afinal, é ele quem seleciona o que, como e por que algo deverá ser lembrado. Olhar para o passado pode, sim, acarretar o perigo de converter-se em uma estátua de sal, mas pessoas, como Sepúlveda, decidem enfrentá-lo, passando novamente pelo (re)sentir e pelo (re)cordar. Por que enfrentá-lo, se é um processo tão doloroso? No início desse capítulo, também se

perguntou a qual necessidade do presente *La sombra de lo que fuimos* atende ao selecionar recordações que trazem novamente à tona sentimentos dolorosos decorrentes do período ditatorial chileno. Uma resposta possível é que isso pode ocorrer, entre outros motivos, por uma busca de justiça, em nome daqueles que foram renegados ao silêncio eterno, ou como forma de alertar o presente para que não repita os erros de outrora. Todavia, pensemos, também, que olhar para o passado, e falar sobre ele, seja um meio de sarar as feridas e concluir um trabalho de luto.

## REFERÊNCIAS

### a) Materiais consultados em meio impresso:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru: Editora EDUSC, 2007.

ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos.** In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

CALVEIRO, Pilar. Los usos políticos de la memoria. In: CAETANO, G. (Org.). **Sujetos sociales y nuevas formas de protesta en la historia reciente de América Latina.** Buenos Aires: Editora CLACSO, 2006. p. 359-382.

CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CUENTAS, Julio Ortega. El sujeto del exilio. In: MARTÍNEZ, Juana. **Exilios y residencias: escrituras de España y América.** Madrid: Editora Vervuert, 2007.

DINGES, John. **Os anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 5. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2009.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** Porto Alegre: Editora L&PM, 2015.

GALVÃO, Carlos. Autocracia, ressentimento e engajamento político no principado romano. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (org.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

GÊNESIS. In: **BÍBLIA Sagrada.** Português - Inglês. Antigo e novo testamento. São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 16-17.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, S. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25-50.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2013.

MICHAELIS. **Dicionário escolar espanhol**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. W. (Orgs.). **Literatura e história na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Editora USP, 2001.

MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a história**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

NAHARRO-CALDERÓN, José María. De exílios, interxílios y desexílios. In: MARTÍNEZ, Juana. **Exílios y residencias**: escrituras de España y América. Madrid: Editora Vervuert, 2007.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

ORTEGA, Francisco. **Trauma, cultura e historia**: reflexiones interdisciplinarias para el nuevo milenio. Bogotá: Editora Universidad Nacional, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RINKE, Stefan. Transición y cultura política en el Chile de los noventa o ¿cómo vivir con el pasado sin convertirse en estatua de sal? In: KOHUT, Kohut; SARAVIA, José Morales (Orgs.). **Literatura chilena hoy**: la difícil transición. Madrid: Editora Vervuert, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Editora Annablume, 2003.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (orgs.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

SEÑAS. **Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños**. Universidad de Alcalá de Henares. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SEPÚLVEDA, Luis de. **La sombra de lo que fuimos**. Madrid: Editora Espasa Libros, 2010 [2009].

TIMERMAN, Jacob. **Chile: o retrato de uma agonia**. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 1987.

VALDES, Hernan. **Tejas Verdes: Diario de un Campo de Concentración en Chile**. Santiago: Editora CESOC, 1996.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 2014.

YANKELEVICH, Pablo. Estudar o exílio. In: QUADRAT, S. V. (org.). **Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

#### b) Materiais consultados em meio eletrônico:

**A BATALHA do Chile**, a luta de um povo sem armas. Cuba, França e Venezuela. Direção: Patricio Guzman. Documentário, 1975, 97 min. Legenda em Português. Título original: La batalla de Chile, la lucha de un pueblo sin armas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UEw7aL1jjeI>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

**A DOCTRINA do Choque**. Direção: Mat Whitecross, Michael Winterbottom. Roteiro: Naomi Klein. Produção: Revolution films, Documentário, 2009, 79 min. Legenda em Português. Título original: The Shock Doctrine. Disponível em: <<http://www.praticadapesquisa.com.br/2011/01/como-apresento-referencia-de-um-video.html>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n.º 19/20, p. 79-100, jan./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6352/3803>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

ÁLVAREZ, Sebastián Vargas. La literatura como trabajo de memoria: disputas por la definición de pasados conflictivos en dos obras de ficción. **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto, n.º 17, p. 153-170, abr. 2015. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/download/792/536>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

BARÓ, Eduardo Palomar. Asesinato del Cardenal Juan Soldevila Romero. **La Tribuna de Historia**, Madrid, 2012. Disponível em: <<http://www.generalisimofranco.com/VIDAS/cardenal%20soldevila/001.htm>>. Acesso em 30 ago. 2017.

BARROS, José D'Assunção. História e literatura: novas relações para os novos tempos. In: **Contemporâneos: Revista de artes e humanidades**, dossiê 2, n.º 6, p. 1-27, mai./out. 2010.

Disponível em: < file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/22248218.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017.

BARROS, José D'Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, vol. 3, nº 5, p. 35-67, jan./jul. 2009. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia\_memoria.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017.

BHABHA, Homi K. **El lugar de la cultura**. Buenos Aires: Editora Manantial, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=5soVBAAAQBAJ&pg=PA85&lpg=PA85&dq=recordar+nunca+es+un+tranquilo+acto+de+introspecci%C3%B3n+o+retrospecci%C3%B3n.+Es+una+dolorosa+remembranza&source=bl&ots=WpYcNiewdO&sig=ccwepO1MXedAn7iTIVMdsxjB6E&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwiryD-kZHWAhWls1QKHZuiAgwQ6AEIKDAA#v=onepage&q=recordar%20nunca%20es%20un%20tranquilo%20acto%20de%20introspecci%C3%B3n%20o%20retrospecci%C3%B3n.%20Es%20una%20dolorosa%20remembranza&f=false>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Biografías y vidas: la enciclopedia biográfica en línea. **Buenaventura Durruti**. [sem data] Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/durruti.htm>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Biografías y vidas: la enciclopedia biográfica en línea. **Francisco Ascaso**. [sem data]. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/a/ascaso.htm>. Acesso em: 30 ago. 2017.

CABEZAS, Mario Lillo. La novela de la dictadura en Chile. **Alpha Revista de Artes, Letras y Filosofía**, Osorno, Chile, nº 29, p. 41-54, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/alpha/n29/art04.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Silencio, trauma y esperanza: novelas chilenas de la dictadura 1977- 2010: las intensidades de la memoria**. Santiago: Editora Pontificia Universidad Católica de Chile, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=B3y5BwAAQBAJ&pg=PT44&lpg=PT44&dq=El+D+a%C3%B1o%2BAndrea+Maturana%2Bdictadura&source=bl&ots=6\_H0x0rwtl&sig=KhTl0vqET\_I2C8AJuz8P3zl-0mo&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwjr\_-6MIY7SAhUBIJAKHRqXAhUQ6AEISDAF#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 30 ago. 2017.

CAUDET, Francisco. **¿De qué hablamos cuando hablamos de literatura de exilio republicano de 1939?** In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LITERATURA Y CULTURA ESPAÑOLAS CONTEMPORÁNEAS, 1., 2008, La Plata. **Anais...** La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 2008. p. 1-25. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-095/42.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Chile procesará a los asesinos del diplomático español Carmelo Soria. **El País**, Madrid, 20 ago. 2015. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2015/08/20/actualidad/1440060152\_256503.html>. Acesso em: 30 ago. 2017.

CLEMENTE, Isabel. General Cercado: Comissão da Câmara dos Lordes anula decisão que permitiria volta ao Chile e abre caminho para a extradição Reino Unido nega imunidade a Pinochet. **Folha de São Paulo**, Londres, 26 nov. 1998 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft26119801.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

EDWARDS, Jorge. Las estatuas de sal. **El País**, Madrid, 4 fev. 1999. Disponível em: <[https://elpais.com/diario/1999/02/04/opinion/918082803\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1999/02/04/opinion/918082803_850215.html)>. Acesso em 30 ago. 2017.

Enciclopédia aragonesa. **Soldevila y Romero, Juan**. 4 jun. 2010. Disponível em: <[http://www.enciclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz\\_id=11879](http://www.enciclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz_id=11879)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Enciclopédia aragonesa. **Volodia Teitelboim (1916-2008)**. [sem data]. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-7685.html>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

ERLL, Astrid. **Memoria colectiva y culturas del recuerdo**: estudio introductorio. Bogotá: Editora Universidad de Los Andes, 2012.

Escritores.org. **Luis Sepúlveda Biografía**. [sem data]. Disponível em: <<https://www.escritores.org/biografias/138-luis-sepulveda>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

FERREIRA, Regis Cavini. **Respostas autonómicas e neuroendócrinas à recuperação de memórias traumáticas**. São Paulo: USP, 2006. 195 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006). Disponível em: <<file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/Tese.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GARZON, Raquel. Sepúlveda novela la vida de dos “perdedores maravillosos”. **El País**, Madrid, 05 nov. 2005. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2004/11/05/cultura/1099609204\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2004/11/05/cultura/1099609204_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GOBIERNO DE CHILE. Corporación Nacional de Reparación y Reconciliación. **Informe sobre calificación de víctimas de violaciones de derechos humanos y de la violencia política**. [sem data]. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3413.html#presentacion>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GOBIERNO DE CHILE. **Informe Rettig**. [sem data]. Disponível em: <<http://www.gob.cl/informe-rettig/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GOBIERNO DE CHILE. Instituto de Previsión Social. Ministerio del Trabajo y Previsión Social. **Leyes de reparación**. [sem data]. Disponível em: <<http://www.ips.gob.cl/servlet/internet/inicio/beneficios-y-pensiones/leyes-de-reparacion>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GOBIERNO DE CHILE. Memória Chilena, Portal de la Cultura de Chile. **Literatura chilena en el exilio (1973-1985)**. [sem data]. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-3555.html>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GOBIERNO DE CHILE. Memória Chilena. Portal de la Cultura de Chile. **Quienes somos**. [sem data]. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-123834.html>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GOBIERNO DE CHILE. Programa de Derechos Humanos. **Comisiones**. [sem data]. Disponível em: <<http://pdh.minjusticia.gob.cl/comisiones/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GOBIERNO DE CHILE. Programa de Derechos Humanos. **Comisiones**. [sem data]. Disponível em: <[http://pdh.minjusticia.gob.cl/wp-content/uploads/2015/12/Informe\\_CNRR.pdf](http://pdh.minjusticia.gob.cl/wp-content/uploads/2015/12/Informe_CNRR.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GOÑI, Javier. “La gallina ciega”, de Max Aub, acta de defunción de una España que no fue. **El País**, Madrid, 25 jun. 1995. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/1995/06/21/cultura/803685602\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1995/06/21/cultura/803685602_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

GRIMSON, Alejandro. Doce equívocos sobre las migraciones. **Nueva Sociedad**, n.º 233, p. 34-43, mai./jun. 2011. Disponível em: <[www.nuso.org](http://www.nuso.org)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/glaucofabbri/48252417-mauricehalbwachsamemoriacoletiva>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

HISTORIA ALTERNATIVA. **Edmundo Pérez Zújovic (Chile no socialista)**. Disponível em: <[http://es.althistory.wikia.com/wiki/Edmundo\\_P%C3%A9rez\\_Z%C3%BAjovic\\_\(Chile\\_No\\_Socialista\)](http://es.althistory.wikia.com/wiki/Edmundo_P%C3%A9rez_Z%C3%BAjovic_(Chile_No_Socialista))>. Acesso em: 22 nov. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE DERECHOS HUMANOS. **Informe de la Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura** (Valech I). 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.indh.cl/handle/123456789/455>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

INTXAUSTI, Aurora. Luis Sepúlveda ajusta cuentas. **El País**, 20 fev. 2009. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2009/02/20/cultura/1235084402\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2009/02/20/cultura/1235084402_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

MARENGO, Guadalupe. Chile: la Ley de Amnistía mantiene vivo el legado de Pinochet. **El País**, 11 set. 2015. Disponível em: <[http://internacional.elpais.com/internacional/2015/09/11/actualidad/1441979718\\_729682.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2015/09/11/actualidad/1441979718_729682.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

MOLINA, Antonio Muñoz. **Destierro y destiempo de Max Aub**. Madrid: Editora Real Academia Española, 1996. Disponível em: <[http://www.rae.es/sites/default/files/Discurso\\_Ingreso\\_Antonio\\_Munoz\\_Molina.pdf](http://www.rae.es/sites/default/files/Discurso_Ingreso_Antonio_Munoz_Molina.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS. **Memorias de Exilio**. Disponível em: <<http://www.memoriasdeexilio.cl/sobre-el-proyecto/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revistas Eletrônicas da PUC-SP**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

OLEA, Luis. Buenaventura Durruti, el autor del primer robo a un Banco en Chile. **El Amanecer** [sem data]. Disponível em: <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=21122>>. Acesso em 30 ago. 2017.

PALACIOS, Ariel. Ditadura argentina, a mais sanguinária da América do Sul, foi fracasso militar e económico. **Estadão**, 24 mar. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/ditadura-argentina-a-mais-sanguinaria-da/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

PASCHOAL, Antônio Edmilson. As formas do ressentimento na filosofia de Nietzsche. **Revista Filosófos**, v. 13, nº 1, p. 11-33, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/7961>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

PEÑA, Cristóbal. La misteriosa desaparición de un ex cadete naval en un campo guerrillero a meses de la elección de Allende. **CIPER** – Centro de Investigación Periodística, Santiago de Chile, 12 nov. 2007. Disponível em: <<http://ciperchile.cl/2007/11/12/el-ex-cadete-nava-que-desaparecio-misteriosamente-en-un-campamento-guerrillero-antes-de-allende/>>. Acesso em: 09 set. 2017.

PERETI, Emerson. **As Ruínas e o Condor**: breves escritos sobre alegoria, memória e ausência. Tese de Doutorado. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/40488/R%20-%20T%20-%20EMERSON%20PERETI.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

PÉREZ, Fernando J. España investigará el asesinato de Soria ante la “ineficacia” de Chile. **El País**, Madrid, 10 nov. 2015. Disponível em: <[http://politica.elpais.com/politica/2015/11/10/actualidad/1447178398\\_140072.html](http://politica.elpais.com/politica/2015/11/10/actualidad/1447178398_140072.html)>. Acesso em: 30 jan. 2017.

PESAVENTO, Sandra. História & literatura: uma velha-nova história. **Revista Nuevo Mundo - Mundos Nuevos**, debates, posto online no dia 28 de janeiro de 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 30 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Revista Nuevo Mundo - Mundos Nuevos**, colóquios, posto online no dia 04 fevereiro 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

REIS, Livia. Testemunho como Construção da Memória. **Cadernos de Letras da UFF**, dossiê letras e direitos humanos, nº 33, p. 77-86, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/33/artigo5.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre a memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=xgjevEoO-LcC&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22M%C3%A1rcio+Seligmann-Silva%22&hl=pt>>

BR&sa=X&ved=0ahUKEwi837u15ZLPAhUDipAKHaQCDMwQ6AEIHjAA#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SEPÚLVEDA, Luis. Chile: un país, dos lenguajes. **El País**, 12 fev. 1999. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/1999/02/12/opinion/918774003\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1999/02/12/opinion/918774003_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SEPÚLVEDA, Luis. El Alzheimer político. **El País**, 5 fev. 1999. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/1999/02/05/opinion/918169204\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1999/02/05/opinion/918169204_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SEPÚLVEDA, Luis. La bestia acorralada. **El país**, 16 de nov. de 1998. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/1998/11/16/opinion/911170802\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1998/11/16/opinion/911170802_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SEPÚLVEDA, Luis. La fractura y el rencor en Chile. **El país**. 24 dez. de 1998. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/1998/12/24/internacional/914454017\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1998/12/24/internacional/914454017_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SEPÚLVEDA, Luis. Lluvia. **Página 12**, Buenos Aires [sem data]. Disponível em <<http://www.archivo.pagina12.com.ar/1998/98-11/98-11-26/pirulo.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SEPÚLVEDA, Luis. Luis Sepúlveda: el “viejo” que escribe novelas de amor. Entrevistadores: RIBALTA, Josefina; CROSS, Fernando. **Revista A propósito**, Ponce-Puerto Rico, fev. 1995. Disponível em: <[http://ponce.inter.edu/vl/revistas/a\\_proposito/luis.htm](http://ponce.inter.edu/vl/revistas/a_proposito/luis.htm)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SEPÚLVEDA, Luis. Pinochet: el gran travestido. **El País**, 22 fev. de 1998. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/1998/02/25/opinion/888361203\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1998/02/25/opinion/888361203_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SEPÚLVEDA, Luis. Pobre Chile, es tu cielo azulado... **El País**, 14 jan. 2000. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2000/01/14/internacional/947804409\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2000/01/14/internacional/947804409_850215.html)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

“Tengo claro que primero soy ciudadano y después soy escritor”. **Diario Uchile**, Santiago de Chile, 9 nov. 2014. Disponível em: <<http://radio.uchile.cl/2014/11/09/luis-sepulveda-tengo-muy-claro-que-primero-soy-ciudadano-y-despues-soy-escriptor/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

ZAPATERO, Javier Sánchez. Memoria y literatura: escribir desde el exilio. **Lectura y signo: revista de literatura**, n.º. 3, p. 437-453, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2735868>>. Acesso em: 30 ago. 2017.